

1. Crónica do quotidiano inútil vol. 1 (poesia) Porto maio 1972, ed. do autor (esgotada)
2. Crónica do quotidiano inútil vol. 2 (poesia) Díli, Timor Português, abril 1974, ed. do autor (esgotada)
3. Crónica do quotidiano inútil vol. 3&4 (poesia 1973-81) Macau, 1981, ed. do autor (esgotada)
4. Timor Leste O Dossier Secreto 1973-1975, Porto, dez. 1999, ed. contemporânea (Esgotado) ISBN 10: 972-8305-75-3 / 972-8305753 / ISBN 13/EAN: 9789728305758
5. Cancioneiro Transmontano 2005, ed. Santa Casa da Misericórdia de Bragança, Junho 2005, dep. legal PT-227638/05
6. Timor-Leste 1983-1993 vol. 2 Historiografia de um repórter - DVD - 1ª edição out. 2005 ISBN: 978-989-95641-9-0 Editor: Colóquios Anuais da Lusofonia
7. CrónicaAçores: uma circum-navegação, (vol 1), 2009 ISBN 989-8123-12-1 VerAçor editores. 2009
8. CrónicaAçores uma circum-navegação, (vol. 2), 2011 ISBN 978-972-8-9855-47 Editora Calendário de Letras
9. Timor Leste vol. 2 Historiografia de um repórter, 1983-1992 -DVD- 2ª edição, out. 2012 ISBN: 978-989-95641-9-0 Editor: Colóquios Anuais da Lusofonia, inclui 1º volume e O Dossier Secreto 1973-1975 e o 3º vol. - As Guerras Tribais, A História Repete-se (1894-2006), edição em DVD-livro.



Com o apoio de:



AICL – Associação
Internacional
dos Colóquios da
Lusofonia



CRÓNICA DO QUOTIDIANO INÚTIL J. CHRYS CHRYSTELLO

J. CHRYS CHRYSTELLO

40 ANOS de
vida literária



CRÓNICA DO QUOTIDIANO INÚTIL



O primeiro volume, em edição do autor, de CRÓNICA DO QUOTIDIANO INÚTIL saiu em maio 1972, com 32 páginas, dado que a censura (o célebre lápis azul) entendeu que a poesia juvenil e adolescente do autor não se conformava com os ditames do Estado Novo (1926-1974) e com o tal cortou impiedosamente mais de 60 outras páginas que posteriormente viriam a fazer parte do vol. 2. Mereceu menção de Torquato da Luz no Suplemento Literário de o Diário de Lisboa em 15 de junho de 1972

J. CHRYS CHRYSTELLO

**CRÓNICA DO
QUOTIDIANO
INÚTIL**

Vol. I-V

Calendário de Letras
Rua Latino Coelho, 110
4400-200 Vila Nova de Gaia
Geral@calendario.pt
www.calendario.pt

Este livro não pode ser reproduzido, total ou parcialmente, sem autorização prévia do editor.

© Calendário de Letras
Título: Crónica do quotidiano inútil, vol. 1 a 5
40 anos de vida literária
Autor: J. Chrys Chrystello
Impressão e Acabamento - Rainho&Neves
1ª Edição - Setembro de 2012
Depósito Legal - 000000/12
ISBN - -----

Com o apoio de:



AICL – Associação
Internacional
dos Colóquios da
Lusofonia

J. CHRYS CHRYSTELLO

**CRÓNICA DO
QUOTIDIANO
INÚTIL**

Vol. I-V



O primeiro volume, em edição do autor, de CRÓNICA DO QUOTIDIANO INÚTIL saiu em maio 1972, com 32 páginas, dado que a censura (o célebre lápis azul) entendeu que a poesia juvenil e adolescente do autor não se conformava com os ditames do Estado Novo (1926-1974) e como tal cortou impiedosamente mais de 60 outras páginas que posteriormente viriam a fazer parte do vol. 2. Mereceu menção de Torquato da Luz no Suplemento Literário de o Diário de Lisboa em 15 de junho de 1972

PINTURA LITERÁRIA

Notícia de **LIVROS**

TORQUATO DA LUZ



numana. Outras, finalmente, constituem pequenos ensaios de análise literária e política, como é o caso da intitulada «Mário Sacramento- um português de tei».

Nove títulos de prosa (romances, contos e crónicas) e dois de poesia constituem a obra até agora publicada de Antunes da Silva, caso curioso (e pouco vulgar entre nós) de um escritor que, vincadamente motivado por uma temática regionalista, tem conseguido fazer dela o ponto de partida para um trabalho que toca todos os homens simples, onde quer que vivam a sua difícil existência.

NOÉMIA SEIXAS

Publicações Europa América lançaram «Um Dia no Café», de Noémia Seixas, incluído na colecção «Nova Literatura», em

J. CHRYSTELLO

Com uma apresentação gráfica curiosa, J. Chrystello publicou, no Porto, o volume de poemas «Crónica do quotidiano inútil». Dele extraio o poema XVIII (dia de fiéis):

parado, com respeito de vivo/
por entre veneradores de memórias-saudade/
observo as faces humoradas das pessoas
anónimas/ sinaleiros uniformizados
regulam o trânsito/ param com um sorriso malicioso nas
pupilas brilhantes/ com corpo de adormecer estrelas
passa uma figura impante de formas/
os carros param, há comentários/
brilham sóis no sexo das pedras pisadas/
e lá dentro no cemitério do «eterno repouso»/
nem um só morto se moveu dentro do caixão

É sempre risco desejar-se compreender e explicar – pela redução a valor concetual ou a valor lógico – o sentido que um poeta põe na sua forma expressiva, porque toda a explicação ou justificação se circunscreve, se limita, se faz em relação a conceitos lógicos, o que, sem dúvida, pertence a outras dimensões da existência humana. Esta é sempre indeterminação e problematicidade. Dimensiona-se por sendas que se não podem aprioricamente determinar ou conhecer. Por isso mesmo, é sempre arriscado fazer-se crítica, ainda que, presuntivamente, se apregoem teorias e se defendam direções de pensamento, com o que discordamos, porque, normalmente, o que pretendíamos explicar sobre a conduta dos outros constitui mera opinião. É que a tudo se antepõe a vida. A verdade ou que desejamos que seja é posterior a um curso vital e, por isso mesmo, problema de si própria. Nunca temos na mão a verdade, mas uma madeixa de contraditórias interpretações, sem fundamento ontológico.

Toda a arte será, na sua essência, expressão dum modo de intuir o que se dá ou oferece ao artista como sendo a fulguração da realidade num determinado instante do curso da vida. Dir-se-á ser, no simbolismo das suas formas, a linguagem duma dimensão vital, que se não repete, nem se mede, porque o vivido é forma de tempo e o tempo é irreversível.

O artista, sob pena de atraiçoar a sua função, não de dobra sobre as suas intuições passadas. Não se repete nem vive situações definitivas. É que, para todo o artista, viver é sentir-se em plena atualidade, é estar-se no “agora”, no lance insubstituível ou intransferível das situações em que a emoção é ingrediente que entra no contexto das referências à vida. Justamente por isso, expressar o intuitivamente vivido consiste em dizer ou verter, nas formas de linguagem, o vivido, ou seja, o que aconteceu, como sentimento interpretativo, na alma do artista. – Há sempre conexão entre o intuído e o vivido. – Quanto mais vivo, pleno de energia, tiver sido o misterioso momento da vivência, maior riqueza pode conter a forma expressiva. Talvez, por isso mes-

mo, seja fácil adivinhar num artista a impostura, quando, nas formas da sua linguagem e pelo seu estilo, não nos comunica algo de novo, de atual, ou não conduz a sentir a riqueza do momento e a energia da vida de que aquele é reflexo.

O que caracteriza a beleza é algo que, ontologicamente, poderá ser para cada um de nós, de modo distinto, singular e que adivinhamos numa realidade que se oferece como possibilidade existencial.

Quando nos encontramos perante um poeta o que interessa conhecer é a que ponto terá ele participado na situação que lhe foi dada viver, para que, da sua plenitude, desse autêntico modo de viver, sintamos, com a mesma energia, idêntica vitalidade, o “mundo” por ele vivido e cuja trama nos é comunicada nas simbólicas notações da linguagem.

Só podemos chegar ao mundo do poeta (como compreender o mundo dos acontecimentos históricos), pelo abandono temporário de nossos hábitos de pensamento ou de nossas funções pensadas, procedendo-se com quem faz um parêntesis na sua vida e se situa no âmbito do momento das criações do poeta. Se o não fizermos, por insensíveis à trama duma situação dada, correremos o risco de poder significar e sentir o que possa existir de pleno, de enérgico, de vital, na forma simbólica de expressão do poeta. Justamente por isso, em relação ao jovem poeta José Chrystello, desejamos que o não vejam com a rudeza e a intranscendência dos conceitos e das deformações do pensamento crítico, mas que o olhem com como que mergulhados no seu mundo, no momento de suas vivências. Só desse modo devem ser vistos os artistas e, neste caso, o poeta que temos presente que nos dá conta da sua delicada sensibilidade, da sua inquietude e emotividade, ou seja, dos nexos do vivido e do sentido, dos quais emerge a verdade do poeta, da sua verdade, que pode, também, ser a nossa.

Lisboa, 5 de maio de 1972
SÉRGIO AUGUSTO VIEIRA

Outras obras do autor:

1. Crónica do quotidiano inútil vol. 1 (poesia) Porto maio 1972, ed. do autor (esgotada)
2. Crónica do quotidiano inútil vol. 2 (poesia) Díli, Timor Português, abril 1974, ed. do autor (esgotada)
3. Crónica do quotidiano inútil vol. 3&4 (poesia 1973-81) Macau, 1981, ed. do autor (esgotada)
4. Timor Leste O Dossier Secreto 1973-1975, Porto, dez. 1999, ed. contemporânea (Esgotado) ISBN 10: 972-8305-75-3 / 9728305753 /ISBN 13/EAN: 9789728305758
5. Cancioneiro Transmontano 2005, ed. Santa Casa da Misericórdia de Bragança, junho 2005, dep. legal PT-227638/05
6. Timor-Leste 1983-1993 vol. 2 Historiografia de um repórter - DVD – 1ª edição out. 2005 ISBN: 978-989-95641-9-0 Editor: Colóquios Anuais da Lusofonia
7. ChrónicAçores: uma circum-navegação, (vol 1), 2009 ISBN 989-8123-12-1 VerAçor editores. 2009
8. ChrónicAçores uma circum-navegação, (vol. 2), 2011 ISBN 978-9728-9855-47 Editora Calendário de Letras
9. Timor Leste vol. 2 Historiografia de um repórter, 1983-1992 -DVD- 2ª edição, out. 2012 ISBN: 978-989-95641-9-0 Editor: Colóquios Anuais da Lusofonia, inclui 1º volume O Dossier Secreto 1973-1975 e o 3º vol. - As Guerras Tribais, A História Repete-se (1894-2006), edição em DVD-livro.

Contacto do autor: (+351) 919287816
drchryschrystello@yahoo.com.au / chryschrystello@gmail.com

*aos meus pais de quem nasci
aos amigos que não tive
aos deserdados
e aos outros
os que nunca me lerão
deixo estas páginas perdidas
num qualquer TEMPO VAGO*

abril 17, 1972

VOL. 1

(1967-1972)
j. chrys chrystello



- 11 h.
a correr do café com leite para o elétrico torrado.
palavras marteladas pelo HÁBITO INCÓMODO.

- Quinze tostões.
Direito a empurrões, pisadelas.
O pó é grátis.
Por vezes o cheiro da democracia custa a engolir.

- O século vinte é o da poluição.
Chiar metálico, profundo, a fundo.
Projetam-se corpos em várias direções.
Desculpas.
Insultos.
Protestos.

- Chego sempre depois do prof.
Subo as escadas repetidas. Essencial não correr AGORA.
47 degraus, 4 patamares, 23 degraus mais dois patamares.
Inconvenientes de haver faculdades em sótãos.
Corredores austeros e mudos.
Portas gravemente fechadas.
Abro uma, baixo a cabeça.
Equilibrismo
Sento-me na última fila.
Ao longe, mesmo lá onde o fumo acaba, um tipo discursa.
Língua de símbolos que ninguém entende.
Papalvos olham sem escutarem.
Palavras metálicas chocam na surdez das paredes.

- INEXORAVELMENTE O TEMPO.
Chegar.
Dormir.
Sair.
Sempre caras iguais
 gordas
 coradas
 tímidas
sem remorso nos OLHOS INÚTEIS
sempre iguais
 esguias
 pálidas

ousadia dançando nos lábios sensuais.
O Tó-filho-família continua a trocar de carro cada três meses
ar de superioridade afivelado ao desdém.
Sentado à minha direita um barbudo sebento
limpa unhas com fósforos (ah! estes contestatários!)
Enfim, uns leem, outros fingem que escrevem.
De repente como impelidos por molas, saem, misturam-se.
Perdem-se até se reencontrarem nos mesmos sítios, dias, horas.
Um dia não aparecem.
Passados meses são homenageados, postumamente.
HERÓIS-DE-ESPADAS-DE-TÉDIO;
escudados na indiferença venceram a vida:
jamais tornarão a ler jornais desportivos.
Engrossarão o slogan dos que deixaram de fumar.

- Saio.
Respiro ar poluído e não noto.
Paro à porta da U.
Entram. Saem. Espero.
Por entre corpos que caminham, vejo-a.
atravessámos o HÁBITO INCORRUPTO feito rua,
tomámos o mesmo elétrico.
Falamos, nada dizemos: “adeus, até logo”.
Vejo se há correio, subo.
2 degraus, patamar,
mais 18 degraus no elevador das pernas.
Chave na fechadura.
Sobretudo no bengaleiro, num aconchego.
Livros na cadeira.
Um almoço igual a outros.
À tarde, o café, os amigos de ontem,
esperando hoje um amanhã que os leve.
As petas do costume.
Conversas repetidas.
Irreprimível vontade de mudar,
algo se escoia por entre os dedos do tempo.
Sol disfarçado de sombras
proporcionais à altura, à luz, à superfície.
Nas profundezas a revolta de um grito adiado.

- Jantar.
“A família é um ente coletivo, sagrado, indestrutível”.

J. Chrys Chrystello

Perguntas morrendo sem resposta.
O enfado. O café. Os amigos.
Uma cama com um jornal, um rádio com música.
essencialmente música.
Um sono.
Dormir.
Este todo que se esgota, se repete.
Monólogo de vida,
até um diálogo de morte.
Quem sabe se sonho, pesadelo?
Desânimo.
Um da, noite, sempre.
Até que seja tarde.
Irremediavelmente
como certeza na angústia, essa DOR DERROCADA.

- INCOMPLETA A OBRA.

2

a palavra-breve

set 29, 1971

A PALAVRA-BREVE suspende-se do fio tenso das bocas
expande-se pelas propriedades elásticas
queda-se no limiar deste SILÊNCIO MASTIGADO.

A PALAVRA-BREVE é uma saudade
dor plangente por quem parte
vai-se de nós esse instante
fica-nos a muda constelação do sonho.
Acordámos com um travo salgado de lágrimas ou estrelas.

A PALAVRA-BREVE nasce com a amizade
na fronteira do interesse
cresce por entre ondas de necessidade
e vai repousar exangue no suor húmido dos amantes.
A PALAVRA-BREVE é o instante-não-imaginado
mediando vida e morte
detendo-se no enfadonho momento
a que postumamente chamaremos feliz
quedar-se-á numa laje branca de cemitério.

3 | este tempo é quadrado
out 12, 1971

ESTE TEMPO É QUADRADO
EM CADA CANTO UMA ANGÚSTIA
O CENTRO SOU EU.
MEU PAI CHAMA-ME (sempre) EGOCENTRISTA.

4 | (insofridamente, vives)
out 12, 1971

Esta lua inventada
prostituta velha, desdentada
de face rugosa, caiada
espera na esquina do TEMPO VAGO
um louco ou poeta que a vá buscar
dormirá com ele em lençóis de luar.
dará o corpo, o nome, a alma,
dela ficarão as palavras dum poema a chorar.

5 | (fatum de árvores com sexo nos olhos)
abr 11, 1972

ainda este fatum de árvores com sexo nos olhos
cio de ramos em abraços lânguidos
estrelas perdidas nas folhas dum TEMPO INCORRUPTO
olhos de propiciarem desejo
espelhos multifacetados
musgo pustulento gerando promessas
na boceta dos sentimentos
entreabrem-se os lábios do vento
altas espigas ondulam sob palavras
movimentos ogivais de prazer
suor sangrento de corpos violados
música mista de instinto e amor.

LISBOA, este sentir de perto o longe tão longe
amar o amor não amando
desejo súbito de fugir

LISBOA este amanhã que ficará por hoje
este dar-se de dentro renovado em cada recusa.

LISBOA chão que piso, imagem de sol que amo
este sentir de perto o longe tão longe

LISBOA de ti fala a memória dos dias longe e perto
cidade pequenina, onde as pessoas se chocam e
seguem na indiferença ao rio-destino,
provincianismo mesquinho de te saber distante, ausente.

LISBOA impessoal
europeia
americana
que nunca portuguesa

LISBOA este correr rápido, constante, asfixia, cansa, mata,
tempo de agora vivido na pressa de cada momento.
a gente,
os carros,
bulfício mecânico,
roda-dentada da civilização rotineira
grilheta do desenvolvimento.
a fauna,
monólogos que se entrechocam.
cara,
mãos,
olhos de cidade,
gestos urgentes que se dão e se vendem,
promessas-mentiras de prostituição aviltada, sofisticada.

LISBOA coletiva,
social,
necessária, enojantemente vendida ao mito,
ao desejo
à farsa
até onde à beleza?

LISBOA onde nunca, mesmo nunca, encontrarás um lisboeta.

porto e maio 21, 1971

7

povo

jul 26, 1970

a tradição em que vivíamos
falava-nos de barcos, terras distantes,
por isso no séc. XX colonizámos a Europa “a salto”
numa mão um saco cheia de esperanças iludidas
na outra um naco seco de pão-centeio,
meses depois bilhete de volta para Portugal.

8

(a farsa dos dias no calendário)

nov 2, 1971

as flores hoje venderam-se bem
para cumprirem o dever anual de murcharem
por entre castiçais, velas, ossadas
hoje as flores sentem-se sagradas
vão nas mãos dos vivos dar cor e perfume aos mortos
mas ninguém reparou
naquela flor murcha
na jarra do “TEMPO INÚTIL”
ninguém pegou nela com mãos de vida
e ela morreu sem flores nem velas.

9

(nos elétricos)

mai 12, 1971

nos elétricos
o último banco-de-trás é incómodo
mas, paradoxo
os rapazes tímidos
erguem os olhos do chão

quando entram raparigas
erguem os olhos do chão!

introdução

DO LADO DE LÁ DA TERRA
A VIDA FAZ-SE PARA OS HOMENS
QUE A VÃO PERDER NA GUERRA

(onde se fala de guerra)

a)

No vietname diferenciam-se as crianças sem ser pela cor da pele para elas há não noite ou dia, é sempre inferno, destruição. Com irmãos às costas ou amparadas em muletas passam com sorrisos embrutecidos a caminho dos hospitais é lá que ouvem falar de paz, aos soldados, por entre paredes que às vezes até são caiadas, lá onde as camas antecedem campas frugais. A violência martelará as suas letras 24 horas ao dia: enquanto andarem nas ruas e estradas hão de ver sangue cheirar a sangue, palpá-lo, sugá-lo quente. Para as crianças do Vietname a fome tem quatro letras, escreve-se à custa de pais e irmãos, isso aprendem elas a preço de morte, amputação. Aos cinco anos as crianças viet são soldados aprendem o manejo de metralhadoras e granadas e não brincam às guerras nem aos polícias e ladrões.

b)

No vietname as crianças têm muitas férias ao chegarem às escolas, estas já não existem. Naquelas paragens é irresolúvel o problema da habitação devido ao clima quente (chamam-lhe explosivo). Ninguém fala em poluição ou em taxas de mortalidade a não ser por ironia. No vietname a censura na televisão é dispensável as crianças não são afetadas por filmes de terror. Se as divindades de inúmeros braços fossem contemporâneas os profetas esculpidos seriam fotos das zonas bombardeadas. Lá o amor é proibido por causa da falta de tempo.

sempre que há tréguas, milhares de viets
recolhem traumatizados aos hospitais
(o silêncio também mata).
Como desporto autorizado a defesa da vida,
não tem regras, assemelha-se ao tiro-ao-alvo.

c)

Os poucos velhos que sobrevivem
não contam o que viram para não terem nojo de nós.
Por isto, sorrio-me de alguém dizendo a meu lado:
“... em Portugal as crianças não chegam a sê-lo,
corrupção, violência, vícios, até na TV...”
rio-me, já o não ouço.
Por entre o vento, lá longe
o matraquear certo da metralha,
pelo clarão das bombas passam soldados a correr
atrás do troar das explosões
com gritos suspensos das gargantas caladas,
vidas que se esvaem em poças de morgue.
Morte.
Violência.
Destruição.
A – M – B- I- Ç- ã – O...

De repente dou comigo a dar esmola a um miúdo.

epílogo

(à memória póstuma de uma consciência)

EM CADA MINUTO DE SILÊNCIO
HÁ MILHÕES DE GRITOS DE SOCORRO
POR TI IGNORADOS.
ENTRETANTO CONGRATULAR-TE-ÁS
POR TERES TIDO UM MOMENTO DE DESCANSO.

11 | (e tu, refugiada nos corredores do sonho como
arrastas a curiosidade dos dias enganados?)
| jan 15, 1972

a)

Rio-me ó caras de mocho
que cruzam os meus ELÉTRICOS DO ETERNO-ENFADO.
olhos piscos, observadores,
cabeça rodando em movimentos calculados
medindo de alto a baixo as pessoas,
ar perscrutador, crítico.
pergunto: que ideias habitarão a cabeça encanecida?
quantos crimes contra o tradicional lá terão sido julgados?

b)

Ontem ou um qualquer outro DIA IMAGINADO
um mocho de sexo indefinido pela idade
tirou-me medidas
à distância dos bancos opostos,
nos olhos piscos
eu criava o retrato de mim:
-- ... cabelos com'ós duma rapariga,
e as barbas parecem dum cristo!
Que exagero aquele nó de gravata!
Mas bem compostinhos, lá isso está
colete, corrente d'ouro, mas d'aliança, valha-o deus!
Esta gente tem medo que lhes não chegue o tempo?
Casam-se ainda crianças, não há meio de me habituar
e corcovado que até parece marreca, se calhar é,
os vícios é que os põem assim,
habitua-se novos, depois mirram,
reparando melhor até tem cara de velho.
Mas rico fato e a camisa lavrada?!
(de que mais se hão de lembrar agora?)
Parece aquele da televisão
como é que se chamava...
se calhar é aquele cantor o ...
"BILHETE!!!?"
Ó senhor!...parece qu'embirrou comigo!
já mo pediu três vezes,
é de dois e quinhentos, pois então!
Ora não querem lá ver o raio do homem!
Pobrezinha senhor, mas honrada que nem as honradas
ora o raio do home!"
E sapatos com fivela

parecem do meu defunto avô
que Deus lá tenha! (benze-se)
Olha... traz livros
se calhar anda na universidade
e casado, vejam lá!
Que cara, tão pálido e que olheiras, Jesus!
É o que eu digo noitadas, bebidas
depois ficam que nem múmias ou lá o que é!
Vai sair, se calhar mora nestes prédios novos
não sei como conseguem viver tão alto
tem prá'í dez andares
até tinha vertigens, eu,
não me queria ver lá
sem me poder chegar a uma janela:
umas alturas, **nem se vê quem passa...!"**

c)

"A senhora se quiser pode sentá-lo aqui
no meio cabe bem, graças a Deus,
chegue-se mais pra cá.
Que rico menino! Quantos anos tem?
ai Jesus que crescido está!
já anda na escola?
bem me queria parecer
é como a minha linda netinha,
mas que lindo menino (acaricia-lhe os cabelos)
chegue-se mais, não tenha medo!"

EU SOU O RIO
TENHO-TO DITO REPETIDAS VEZES.
CAMINHO DA NASCENTE
DIREITO ÀS AREIAS,
O RIO NÃO ACABA
NEM SE REPRODUZ EM LAGO OU MAR
VAI FRACO, MORIBUNDO
ATÉ ÀS DUNAS.
EU SOU O RIO.

...

SÓ SE É RIO UMA VEZ (NA VIDA).

SEGUIMOS CAMINHOS CRUZADOS
NA ESPERANÇA INFUNDADA
DE NOS ENCONTRARMOS NO INFINITO:
E NINGUÉM LHE VAI PEDIR
A ANTECIPAÇÃO DESSE ENCONTRO.

com a palavra desconhecida
roçando o chão
ergue-se a montanha de cristal
transparente, lúcida, vibrátil,
a palavra gerada
num rojo às estrelas
cresceu,
prenhe multiplicou-se,
estendeu ramos de luz
tu, construída de trevas, algas e cinzas
abriste os olhos do sonho
no bordel do teu corpo
à luz rasa do cabelo,
boca sensual
sombra leve com pavor de linguagem,
despida de música;
subiste da colina turva
com sons pensativos,
penetraste de joelhos no grito,
imploraste com lágrimas arrancadas às nuvens,
deixaste cair contigo o orgulho
num sorriso molhado,
mãos crispadas em frenéticos vaivéns,
erichada a súplica
fingem que ta ouvem
no seio da noite,
uma melodia nova
baila-te no coração incorrupto

nessa pedra de ondas revoltas
sino musguento gemendo num SILÊNCIO BRANDO,
penetra-te a voz oculta na noite
a palavra indiferente fixa-te à escravidão,
com sexo num murmúrio vago
agradeces de joelhos,
o teu comboio maldito
continuará rasgando o chão
como corpo de terra lavrada,
ferramentas de sangue
bandeiras de espuma esmiuçada;
o enorme talude de montanha de cristal
sem palavras que o escalem
aceita afagos às trepadeiras desenfreadas
sobranceiro ao vaivém de sombras pardas;
muros inóspitos sem oceanos nem jardins de cravos,
colinas nuas onde sobem mãos de pássaros,
lâminas altas, cortantes;
na atmosfera perdida em passos
a paisagem ergue-se abrupta e respira...
no silêncio das noites de cio
continuarás a vender o corpo
rojada às estrelas sem brilho,
no chão onde as palavras passam
só tu não calcas o desejo com palavras.

15

como é triste sermos adultos

nov 2, 1971

EU QUERIA SER DEUS
COM ALMA DE CRIANÇA,
PARA NÃO OUVIR AS CRIANÇAS
DIZEREM MAL DE DEUS.
QUEM CRIA O HOMEM
A FOME, A GUERRA E A MORTE
TEM FORÇOSAMENTE DE SER TIDO POR MAU.

25

a)

Mudo, no seu silêncio de metal castanho
quieto, no seu imobilismo de crucificado
calado, no seu ofício de não chorar a dor
cego, por ver mais que outros
surdo, a discursos e promessas,
assim evoco o crucifixo
sobre a minha cama de criança.
Atemorizava-me!
No metal vulgar, algo sobrenatural
me impelia a só dormir após uma prece.
Recordo-o
sem sangue escorrendo das chagas
sem saber da sua sede de vinagre,
já os olhos acobreados não personificam sofrimento,
nem se lê dor na boca entreaberta,
a coroa de espinhos não tem flores.

b)

(Neste crucifixo de metal acastanhado
Cristo existiu apenas em corpo e alma de minério,
não salvou corpos enquanto não pregou às almas,
não arrastou turbas fanáticas ou crentes,
não caminhou por sobre as águas,
nem multiplicou o pão.
Aqui Cristo esteve encarcerado
sem poder lançar a semente do novo-testamento,
sem fazer milagres
nem desafiar governos corruptos.
Calado,
imóvel,
a tudo assistiu sem dar um passo fora da parede
sem uma palavra, um conselho.
Talvez estivesse mais humano,
não havia pobres nem doentes,
os fariseus não mercavam em templos sagrados,
tudo era banal.
Talvez por isso no lugar do crucifixo
esteja agora uma planta da cidade
manchada de sangue, morte, ódio, até amor,
e eu já não rezo preces a símbolos.
As paredes acabariam por recusar

o peso de mil e tantos anos
de palavras de paz diariamente desmentidas.
Hoje, talvez, descrença num Cristo
imolado a todo o momento
sem Deus-Pai que o salve.
MORRER TAMBÉM CANSA.)

c)
Hoje máquinas feitas por homens
substituíveis a qualquer contratempo
proclamam índices de produtividade, eficiência,
ignorando amor ao próximo são endeusadas.
E quem sabe se o crucifixo terá sido fundido
na voragem de um qualquer DEUS-MÁQUINA?!

d)
Portugueses e tradicionalistas
introduzindo inovações técnicas
comemorarão o nascimento de Cristo
em presépios de luz indireta,
palha sintética,
bafo elétrico,
Reis-Magos telecomandados,
louvores pastoris gravados em disco.
E Jesus será um boneco mecânico
controlado à distância.

-- Assim consumaremos a homenagem a mais um mito --

17 | (a planta da cidade na parede em frente)

nov 28, 1971

e as ruas do silêncio onde estão?
onde moram as prostitutas de corpos engelhados sem direito à
reforma?
onde são os bairros elegantes e as avenidas novas da mentira?
onde fica o casebre-de-lata construído de ilusões?
onde ficam as ruelas de má-fama com sonhos desfeitos,
trapos pendurados às janelas sem sol?
onde vivem os frustrados, os padres-ricos, os senhores?
coabitarão todos no emaranhado de traços, do papel da parede?
os cidadãos coma 4ª classe que vão aos barbeiros de 4ª,
vivem em enxovias e comem o pão que ninguém mais quer,
onde estão?
os barqueiros do douro prematuramente reformados
à espera de sonhos para passarem à outra banda,
onde dormem com suas barcaças velhas?
os mendigos das esquinas, os pedintes, os aleijados,
os estropiados, os cegos arranhando violinos mudos,
onde comem?
os meninos sem casa, crescendo por entre a vida
onde vão fazer amor com as raparigas sem futuro?

-- e a isto nada me responde a planta da cidade --

18

(dia de fiéis)

nov 2, 1971

parado, com respeito de vivo
por entre veneradores de memórias-saudade
observo as faces humoradas das pessoas anónimas
sinaleiros uniformizados regulam o trânsito
param com um sorriso malicioso nas pupilas brilhantes
com corpo de adormecer estrelas passa uma figura impante de formas
os carros param, há comentários
brilham sóis no sexo das pedras pisadas
e lá dentro no cemitério do “eterno repouso”
nem um só morto se moveu dentro do caixão.

19

um poeta-ministro das finanças

fev 10, 1972

Um poeta-ministro das finanças
seria uma calamidade económica.
Se houvesse um ciclone
não importaria o vento nas frestas do ministério
haveria subvenções aos desgraçados dos “bidonvilles”.
Quando houvesse um terramoto
seriam salvos os soterrados mais pobres
para terem uma vida (MAIS) decente.
Os ricos pagariam mais impostos
miseráveis, pedintes, velhos
seriam a elite do desafogo.
Os novos teriam subsídios de amor.
Os industriais da guerra passariam a lavradores
para ninguém morrer de fome.
Num país assim os poetas seriam desnecessários
para dar corpo a tal mito.
Mas é urgente descobrir um poeta

REPITO

É INDISPENSÁVEL UM SÓ!

PARA MINISTRO DAS FINANÇAS.

o poeta disfarçado de mágico
parte e vai
trânsito de ideias cruzando ruas
-- fantasias e automóveis. –
Mesmo no centro da praça com estátua
uma pomba anónima suja a cidade
fazem-se revoluções nos cafés das utopias
sentadas em torno de chávenas vazias.
O povo avulso clama em altos brados
-- súplicas esbatidas no ruído da cidade –
exigências que se prolongam agudas,
governantes sorriem afáveis
apertos de mão
palmadas nas costas...
a esperança adiada, desvalorizada
sempre a esperança em mãos que se embrulham
contas por pagar
traumatismos inúteis em busca de desculpas com juro.
A inflação dos bolsos vazios
bocas com fome nos dias desesperados.
O sorriso para turista ver e comprar
-- almas de luto em caras de festa. –
O poeta disfarçado de mágico
é o povo
diariamente passando subvivo
coração de pomba
com um cadáver no estômago,
ilusões coloridas no chapéu
para pagar dívidas.

(O povo disfarçado de ilusionista
morre anonimamente em praças sem estátuas
prolongam-se revoluções, afogadas em chávenas vazias
preços sobem à medida que vidas baixam,
...e depois dizem que a mortalidade é alta em ...)

os dedos são o engenho ancestral
boca, sexo, movimento perpétuo
animo-os repetidamente com gestos pensados
calculados
repetidos.

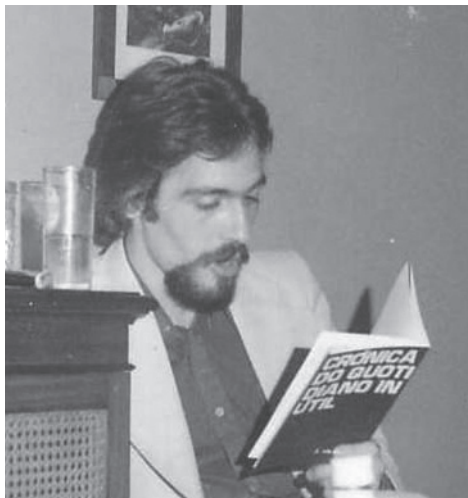
Os dedos são a medida do TEMPO VAGAROSO
suados
calosos
trémulos
linguagem universal de poesia.

Os dedos são a poesia
vibrantes pedras
raro metal,
eternas máquinas de fabricar dinâmica
eles partem e vão
arrojados exploradores do silêncio
à conquista da seiva branca, virgem,
empunhando moderna arma
filha da técnica atual:
a esferográfica.

Os dedos-bandeirantes-sem-medo
partem e vão, indómitos
desbravando a folha branca, enorme
trilhando caminhos insuspeitados
traçando hieróglifos nos confusos mapas
carícias brandas de cristal que não arde.
Não rasgam corpos de bruma
nem destroem ignotas civilizações
apenas escrevem poemas nas folhas de papel.

VOL. 2

(1967-1975)
j. chrys chrystello



Este livro segundo (CQI-2) foi primeiramente policopiado a “stencil” em Timor no verão de 1974, logo após a Revolução dos Cravos de 25 de abril. O autor saiu de Timor para Bali (Indonésia) e Austrália em 1974, regressou a Portugal em 1975 e saiu para Macau em 1976. Durante mais de 35 anos andou este livro perdido dado não existirem cópias dessa limitada edição. Os originais foram passados à máquina de escrever em data incerta (em Macau entre 1976 e 1982) e arquivados.

O autor, entretanto, viveu na Austrália (Perth 1979, Sidney 1983 e Melbourne 1993) antes de ir viver no Porto (1996), Bragança (2002) e Açores (2005). Foi aqui, em novembro de 2011, que ao arrumar os arquivos deu com uma pasta mal catalogada onde estavam esses manuscritos que ora se recuperam com enorme alegria, em especial por surgirem quando o autor celebra 40 anos de vida de vida poética e literária...

O curioso é que este volume segundo da CRÓNICA DO QUOTIDIANO INÚTIL abarca, quase na totalidade, os textos que a censura do regime salazarista cortara do primeiro volume (CQI-1) publicado em maio 1972, sendo posteriormente acrescentada uma mancha de textos desse ano.

Optou-se por converter o texto ao AO 1990 onde era possível fazê-lo sem alterar a liberdade criativa do autor, embora no original meses e nomes aparecessem já em minúsculas nessa data.

Para quem não viveu a era do “lápiz azul” da censura decerto será difícil entender por que estes textos eram impublicáveis naquela época.

Trata-se de escritos de um jovem de 20 e poucos anos, justamente preocupado com a falta de liberdade de expressão da ditadura e o ambiente que se vivia de desesperança e opressão, sob o espetro da guerra colonial. Algumas observações de ordem política eram tão atuais em 1972 como o são agora, o que mostra apenas que a retórica e a demagogia são as características principais desta democracia à portuguesa que se vive desde 1974.

Sendo esta uma segunda edição foram retirados alguns textos da versão original.

CAPÍTULO I

DAS PEREGRINAÇÕES (AOS LOCAIS SAGRADOS E
INTERDITOS DA LITERATURA) ÀS MADRUGADAS
POÉTICAS (COM PRETENSÕES A SANTUÁRIOS)

CRÓNICA AMORFA
ROTINA INCÓMODA
HÁBITO INCORRUPTO
DOR DERROCADA
SILÊNCIO MASTIGADO
QUOTIDIANO ESTÉRIL
ENSEJO VAGO
TEMPO **INÚTIL**



acreditem ou não
na timidez do meu silêncio
já o confessei
na solidão do meu remanso
tenho uma flor guardada

(- que novidade! -)
há quem guarde selos
automóveis, livros
memórias vivas de pessoas mortas

a flor que tenho é diferente
está numa redoma de vidro

(- que novidade! -)
há quem tenha estatuetas em redomas

esta flor é distinta
não seca nem murcha
nem bebeu o elixir da juventude
mantém-se como no dia
em que foi recolhida
pétalas bem abertas
bela policromia
pedúnculo ainda ereto
cheiro oloroso

nem o devia dizer
mas a flor és tu
por isso a afago
e ela me acaricia
no dia em que a asperjo

os beijos que lhe dou
não é a ela, é a ti
ninguém me afiança
que seja mais feliz
tendo-te a ti
e perdendo a flor
a ti
ninguém alcança
enquanto a flor
é minha,
fatal
irremediavelmente.

(a poesia é uma esfera sempiterna
máquina de fabricar sonhos
semovente tablado dos dias
a António Gedeão, poeta e homem)

a esta bola colorida
deslizando frágil
irisado vitral da imaginância
devo o fugaz instante
combustão de amor
em pedra dura – CASA
– MUSEU
– AQUÁRIO de mim mesmo.
circundo a cabeça
sórdida aldeia
no sonolento cenário
sibilante esfinge
imponderal contraponto
na superfície do eu
no palco do centro
rolantes águas se projetam
contra as paredes do corpo
- (há um eu a boiar dentro de mim!) -
esfera colorida
nas mãos de uma criança
verso branco da ideia
refulgente íris de mil sóis
na refração do instante
boiam gemidos
nas esporas da canção
livres margens da poesia
sem forma nem lei
ilusório alfabeto
sem adornos de lua velha
bola colorida
matizada
cintilante angústia
ora me choca
ora me afaga

J. Chrys Chrystello

inquebrantável
raiz de não ser-só

adolescente apoteose
coruscante liturgia
apunhala a garganta do grito

saber dos outros
a opaca sinfonia

lá fora
no mundo longe
deliquescentes compassos
ascendem clamores
e o ator sou eu nesta - CASA
- MUSEU
- AQUÁRIO de mim mesmo.

isolado
mudo
suplicante
sem poder gritar
que existo
só

memória de invenção antiga.

- EU (o) DEUS DE MIM PRÓPRIO -

1.

o poeta compôs o verso
alindou-o
 pesou-o
 limou arestas
quando acabou
 tinha parido uma folha em branco.

ou então recomeçamos:

o poeta projetou o verso
 na órbita interestelar
inquietas margens
 rios sem fronteira
país cósmico
 do verbo
varrido o sonho
 pelo vento da insatisfação
limaram-se arestas
 vírgulas
 pontos
palavras senis
 revitalizadas
concluso poema
 desescrita folha
 em branco
bolso
 vago e roto.

2.

o poeta acreditou
 escreveu
 sonhou
embalando-se
 ledo de alma
reparou em si próprio
 humilhado
com desespero
 rasgou a obra
 desnecessariamente
 (não haveria já quem a lesse).

J. Chrys Chrystello

ou então recomeçemos:

o poeta pincelou
 vida
 disformes linguagens
pobre
 pedaço de gente
 só
 humilhante
 humilhada
inesperado
 rasgou a obra
 desnecessariamente
 (não haveria já quem a lesse).

3.

o compositor de poemas
entrou e sentou-se
pediu sinfonia
 de edulcorante e café
 arábica do brasil
 açúcar da madeira
no teclado da mesa
 tocou
 tocou
 sem parar
as colheres extasiadas
 em sustenido
num ápice
 vagaram as mesas
 cadeiras desocupadas
repudiado
 pelas pessoas ausentes
compôs a sua obra
pelas mãos trémulas
 escorriam lágrimas
espalhadas sobre as teclas.

-dessa música fiz um poema de amor.-

estropiados anos
 vorazes alheamentos

(e o mais
 que só os poetas inesquecem

sem preço)

choveram póstumas
 condecorações
homenagens
 dos suplementos
 até então mudos
literárias ruas
 no nome de praças com estátua

- preito ao poeta que ninguém leu -.

(ao daniel filipe)

26

abr 30, 1973

1.

margem insólita de todo o poema
sempre nos habita
 algures
 a palavra
 o gesto
 talvez sorriso

familiares viajantes
 de toda a história
 pairam sobre a memória do cristal

forasteiros pensamentos
 crescem dos dedos
invadem a casa
 lavrando
 sonhos impossíveis

atração eternizada
 nos transcende
místicas magias
 rochas por decifrar

J. Chrys Chrystello

fantasiosas
oportunistas
divagam
insustentáveis teses
nos zimbórios da retórica
agnósticos
céticos
espraíam-se fervorosos
no grito infeto
a louca viagem
multicolor do tempo
grades de raiva
inaudito flagelo
pregaram às janelas do cérebro
holofotes de cura do sono
o crime da estátua
tensas mordanças
hirtas teias
paisagens sem idade
supliciaram o templo inerte
do corpo
violaram memórias
confissões sempre retardadas
o ódio calmo
sereno companheiro
anda camarada
cospe-lhes teu sangue puro
ri-te dessa dor animal
não lhes perdoes
não esqueças
o tóxico fumo
da indomável vontade
cansá-los-á
rendidos
frustres carrascos
abater-te-ão
e os dentes que te arrancaram
e a língua que não te soltaram
(embora ta cortassem)
e o pensamento que te não aprisionaram
serão a vitória
serão a troça

dos teus olhos abertos
dois vulcões de sangue
em vida tos extirparam
para que morto
os não fulmines

teus ossos lançados às cinzas e ao mar
entoam canções heroicas
também tu és o nobre canto
resistente

camarada
nós te ergueremos
bandeira viva

é nossa a luta
é nossa a desforra
é nossa a trova
espada deste canto

amigo
a liberdade te pertence
a vida te merece

poema sem tempo
farpa
mista voz desfraldada

livros por habitar
no mundo-do-sem-fim
acorrentadas horas
penosas arqueologias
rastejantes
subterrâneas as vozes
nos invadem

fecundas
as mãos
giz
suor

ironia despojada de lágrimas
truncámos a palavra
deserta
(in)sobrevivente

vencida foi
no letargo da mediocracia.

J. Chrys Chrystello

2.

esgotem materiais e humanos
atinga-se a inanição

cooperem operários
técnicos
meros observadores
TODOS

novos
velhos
mulheres
inválidos
crianças

inclusive homens
(à cause du machisme)

reine a desordem
e o caos
não sucumba a vigilância

policias ineptos
soldadinhos de chumbo
bombeiros de palha
forças desmilitarizadas
vigilantes
bufos
corpo-de-paz

O IMPORTANTE SÃO AS FARDAS!

mobilizados todos
cursos especiais
de desinfestação
instrução de piqueniques volantes
guerra sem cartel nem quartel
até se estropiar a ORDEM
(abolido temporariamente o trabalho)

é perigosa
anda protegida e bem armada
(ao que consta
de fontes fidedignas)
o serviço nacional da malinformação
atento e venerando

tv
jornais
cinema-novo
teatro-de-vanguarda
convocados
haverá comunicados horários concisos
texto único

congressos-mundiais-de-combate-inútil-reunidos
(o debate é a base de toda a futilidade polemista!)

imperioso manter a população
hibernada
estado-de-sítio
recolher obrigatório
em todos os bordeis e lupanares
acerada vigilância
abolida a privacia
e a intimidade
vasculhadas pessoas e haveres

obstruam as ruas
com barricadas de papelão
(inauguradas em direto pela tv)

ciudades
estradas
portos
marítimos e aéreos
espiados
como rezam as tradições
francas das fronteiras

(a burocracia ocupar-se-á do restante)

antiguerrilheira e apátrida
- infiltrou a ORDEM -
teve o apoio de minorias já detetadas
condenada ao malogro
cresceu
e se fez gente temida

rationados viveres
por estratos sociais
senhas e talões
no mercado negro
dos *intelligence services* locais

J. Chrys Chrystello

amestrados cães pastores
vigilantes
rebuscam residências
a elite comunizava livros proibidos
o tesouro com poderes supranormais
emitia metal sonante
descongelados salários da administração
fomentada a espiral inflacionária
falidos pequenos e médios empresários
monopolizado o grande capital
o país crescia
sólido e inabalável

a ORDEM enaltecia a família e a religião
sem amigos nem-conhecidos-de-café
ninguém afrontava a pública militância
viajava-se nos coletivos
preferencialmente amarelos
desajustada tendência aos discursos
do grão-mestre
impostos pagos
residência nos subúrbios
débitos ao merceeiro
jogadores fortuitos de totobolas
- apostas simples –
horários fixos por contratos coletivos
os católicos de domingo
funcionários devotados
soletravam o respeito
honestos e pontuais
sem ambições viviam
orgulhosamente sós.

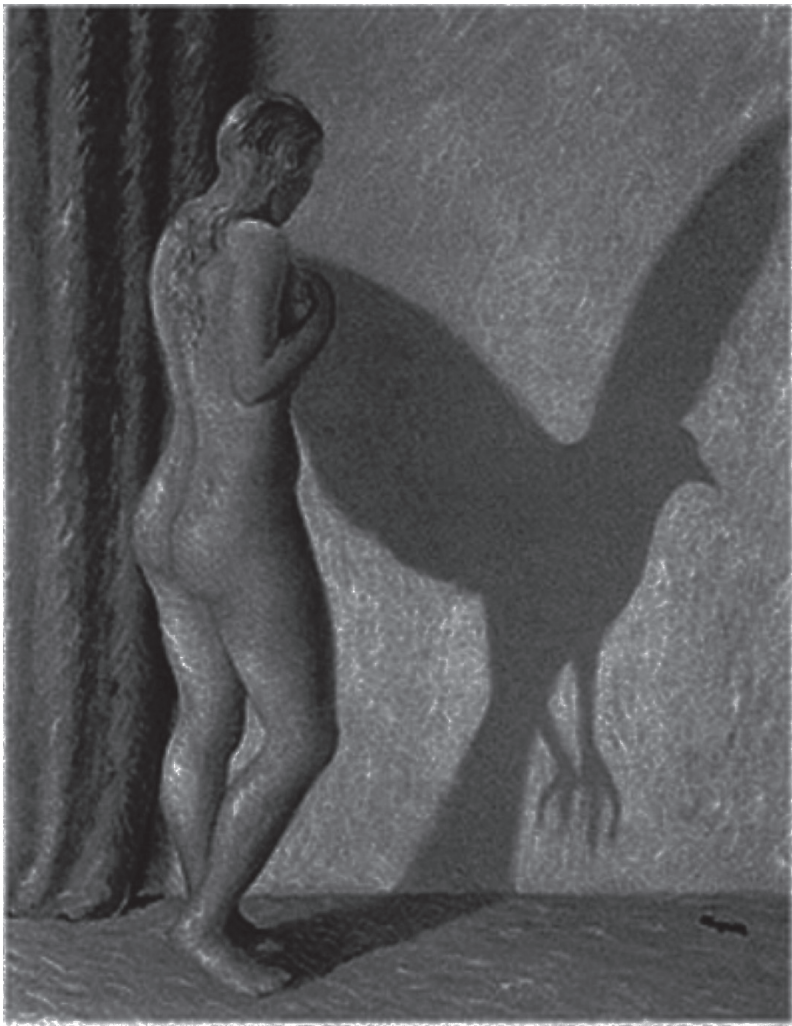
- então chegou o tempo das flores –

maculado o vernáculo solo pátrio
desmascararam-se abusos
de vítimas nenhuma
sufocaram-se greves
carregou a polícia de choque
prisões maciças
sem culpa formada

torturas
deportações
nada foi eficaz
o poder legalmente constituído
autoridade irrefutável
caiu
sem pretensas liberalizações subversivas
debilitados os poderes cívicos
a elite dirigente escouceada e depurada
- (eram homens públicos de muito mérito!) -
foram traídos pelo povo
a quem não serviam
reconheceu-se autoridade à ONU
entabularam-se negociações com terroristas
(até então guerrilheiros sem pátria)
ignoraram-se imaginosos esquarteramentos de brancos colonos
e a terra una
multirracial porque discriminatória
pluricontinental porque imperialeira
finalmente hipotecou tradições balofas
enterravam-se prósperos futuros planejados
(o presente era de crise
mas as previsões mentiam seguras)
aprestado o ajuste de contas
alguém houve
pagando com a vida
morte
ou o que preciso fosse
demolida a ameaça
pela população gentia
brotou a voz uníssona e liberta das massas
milhões de vidas salvas
antes de contaminadas
nascia um jovem continente no velho mundo.

CAPÍTULO II

DAS EFABULADAS ETERNIDADES



1.

endormido corpo de pisar pedras
notívago leito
proibidos sonhos

sensacionalista da miséria alheia
o repórter bateu a chapa
primeira página de amanhã
cidadão-sem-rostro

identificado
o corpo de madrugar
pagará taxa de turismo

*(a cidade, ruas e jardins
são do povo
não os usurpem!).*

2.

oito anos descalços
duas estrelas cavas
na puída esquina
policromático recorte
remendos de olhar severo
fases nuas e suplicantes
“dois pensos uma c’roa”

*(aqui começa
hoje
a ficção infinda do orgulho
em destino de pobre).*

3.

“quem compra?”
soletra sem futuro adolescente
nas novas avenidas da mentira
fachada de estômago às moscas
pregando revoltas de dores postergadas

ilusórios ecos de recusa
 silêncio-da-fome-sem-dias
perdida pressa de passos
 nem mãos nem afagos
murchas violetas
 cestos de eterna-espera

 (decidida
 incisivamente
 estrangulemos esta voz
 pobreza incómoda nos desperta
 compremos um sonho
 já sequestrado
 na-fome-da-ilusão-sem-dias).

4.

criança sem escola
também a ti
 interditaram a imagem e o invento
não vendas
 parcas esmolas em retrato-de-esquina
apregoa tão-só
 pensos de curar todas as misérias
ádua aprendizagem do dia a dia
inditosa saciedade do ócio

 (nenhum óbolo
 paternalista
 caritativo
 sofreará o vício de séculos espoliados).

5.

famílias há
 aos gritos
morrendo onde calha
 qualquer sol
 qualquer ocaso
sugadas dia a dia
 gratuitamente

promíscuas enxergas
 moribundas
 subvivas

J. Chrys Chrystello

sem heroicas gestas

prostradas
resignantes

(*surdas rebeldias*

assanham-se homens
assacam-se cães

CUIDADO! silenciam a voz do povo
com místicas perigranças).

6.

dileta terra

aqui o clima
a natural beleza

turísticos pósters da indignância
mascarem-se de pedintes os indígenas

todos

decorem-se cidades

ruas
vilas
praias

esplanadas-do-torpor-repetido
depois

cobrem-se as esmolos

todas

(*milhares de fardas por pagar*
dezenas de conselheiros a engordar).

7.

saudade

palavra rara
sonorífero da vontade

sempre adiada

repartida

palavra antiga

dor nova
(re)fundida

desolados

extensos feudos e baldios
para turista vir-ver-voltar

e já partiam novos e velhos
colonizadores da ambição desvairada

eterna
embaladora

esventravam povos
 lendárias famas
viúvas de vivos
 vozes de fábula

 (no reino-do-clima-do-perpétuo-sol
 nunca espantou saber
 única
 a saudade
 - certeza histórica
 de todas as cruzadas).

8.

opiados nasciam
 analfabetos
ministros havia
 tecnólogos da (des)informação
instituíam concursos
 festivais
eleições de misses
 para as massas
folclores de aluguer
 touradas
 fadros
 mulheres

no reino-sem-esperança
o povo
 anestesiado e grato
bebia
 o suor
 calado
bailava o vinho
chorava fadas de folhetim
batia palmas
 ao sagrado retrato
insensíveis olhos
via inaugurações
 escolas
 fontanários e pontões
via casacas
 ministros
 presidentes
 banquetes
 jantares
 comemorações.

J. Chrys Chrystello

9.

esqueletos de domingo
marginais habitantes do trabalho
sem futebol

longa espera
plácida contemplação
perdidos oceanos
da morte mais lenta
sonâmbulos visionários do sacro império
perene destino de colonizadores
bronzeados pelo sol
(pouco e tímido porque grátis)
rastejavam
esmoleres de fim de semana
milionários-da-ilusão-repercutida
heróis-de-todo-o-ano
à conquista de um só mês
(onde o dinheiro para comprar um verão decente?)

que restava senão endormir o desejo insatisfeito?

convictos sebastianistas
do nevoeiro

povo
de discursos ouvidor
de impostos pagador

gente
cantada
decantada
desencantada

*escrava-do-sempiterno-senhorio-da-tradição
por que arrastas imagens de liberdade?
promessas que não saberias usar.*

10.

vou ficar atento
anfitrião
alguém pode espertar
sou urgente para o adeus

(espanto desfraldado
ingénuo bandeirante
quem me acredita?)

alguém pode morrer
defraudado
longe
antes do tempo?

(NO INSTANTE EXATO EM QUE FALAR!)

28 |

alquybirismos

ago 5, 1971

zuniam martelos
de voz sem gente
mudos fantoches
soletradas tradições
sonoras imagens

acidental
(in)organicamente
colorávamos sentidos
(azul – paráfrase de amizade
irisado formigueiro
multiforme
deslizando dos cabelos).

perdidos projetos
no verde espanto
escancaradas
as bocas jamais vencidas
sofríamos sedes
fomes de muitas eras

obrigado
silente
searas esquecidas
de mãos nos cabelos
e foices na alma
tudo de meu passou a nada

exaltados pensamentos
 agitantes
 aquietavam mordanças
escalavrados outros
 futuro nunca o souberam
imaginavam
 vaga
 inseguramente
 o tempo
acreditando-se
 únicos
 privilegiados habitantes

adormecentes
 os indeclináveis erros
ancestrais lutas
 soterravam
justificar-se não podiam
condenados
 por tribunais do povo
nada (pre)nunciavam
 eternos-escravos-do-malquisto-sonho

vogavam névoas antigas
governados por reis de gaze
perdidos na poeira dos compêndios
 sorriam
entrevados destinos
 míseras lágrimas
 párias
e de tanto esperarem
 lhes nasceram neves nos olhos
e de tanto sonharem
 respiravam vulcões já extintos
e de tanto viverem
 sem o presentirem
 iludidos morreram

ninguém deles
 hoje ouviu

defenestradas memórias
 colonizadores de paisagens.

29 | tantos os sonhos (a soeiro pereira gomes)
mar 16, 1973

tantos os sonhos
nunca demarcados
meu irmão de todo o tempo
insubmisso

perseguidos
por uma mancheia de quimeras
engalanámos as palavras
falaciosas ambições

imensos campos
por habitar
lezírias de lentas mortes
estioladas

gretava o verão
severos carões
ninguém cuidara
os linótipos esmaeciam
aquosos gradeamentos
da saudade

- era então o tempo –

fortunas dissipadas
amargor de mil cansaços
prematura senilidade

febril catarro
escrava luta

cifras
tabelas
gráficos

mecanizado o homem
engrenagem-sem-nome

impiedosa e febril cadeia
gangrenosos ossos

no silêncio chantagista
se diluía a sobrevivência

vasta paisagem
por entre o adobe

paredes
quatro
desfraldadas

J. Chrys Chrystello

vogando ao vento
do desprezo motorizado das sanguessugas

PERFEITA SÚCIA/DADE

irrefreado progresso
civilização do abandono
deserda-se a agricultura
cria-se ferro
cimento
fome
tímida e simples
a voz do povo
(que ainda resta)
recusa a caridade
das piranhas
secretas as greves
corrompem a opressão
selvagens se abatem
esbirros e lacaios

(ah! como é bom ser-se proletário
no feudo do patrão)

tu - meu irmão
não assististe
ao mito no apogeu
de nascença condenado
o sentenciavas
tuas mãos eram a dor
sempre retardada
escreviam a agonia lenta
dos que calam
exultante vitória dos que não consentem
militantes modelos
de rebeldes se venderam
falsos heróis
covardes de merda
felizes os traidores
pelo pão nunca trincado
pela carne inviolada e casta
pela fome mitigada
riquezas imensas
saldo de lassos músculos

quem as ergueu?

imolados os corpos
sem palavras nem gestas
abatem-se de luto aldeias
paga-se da fome
a vida
a salto se emigra
a preço de morte

- decide-te irmão –

volte a nós quem a nós pertence
connosco reagirás
à opulência de discursos em família

- obsoletas conversas que não asfixiam –

repudiamos toda a antropofagia
que nos hipoteca
não os executemos
também eles sentirão
um só dia que seja
um só instante fugaz
o vão esforço do suor grátis

nesse dia
urgente e único
inexorável
o grito
então comunitário
então revolucionário

PRESENTE!

para que não morram por desprazer
pelas dores insofridas
pelo sangue ulcerado nunca cuspidos
pelas mãos imaculadas sempre assassinas
revolver-se-ão aposentados donos
deste feudo saqueado

dançaremos o cântico final
apoteose de labaredas
vossos corpos defuntos

J. Chrys Chrystello

serão nossos o chão
a pátria liberta
a vocação insubmissa

ninguém nos apode de vingativos
honraremos
das memórias a vossa
adubaremos das cinzas vossas
o pão

algo renasce das ruínas vossas
a esperança
- quem nos confortará
nesse instante ingente? -

30 | para uma história parcial que fale de homens
fev 16, 1970

(ah! se das mãos
dos pés
brotassem raízes
ah! se das raízes
dos troncos
pendessem espojos!)

enquanto a teu lado
um ribeiro tranquilo
correr placidamente
as águas serão rubras

se fechares o sol
se do alto brotarem palavras
se ouvires acusações
tapa os ouvidos com um estampido
(se um não chegar
usa indiscriminadamente os necessários)

se os clarões da verdade
a que chamam dia
não te ofuscarem

e a inóspita treva
batizada noite te não assustar

então como irás aniquilar
a guerra que te intimida?
se te servires do ribeiro fertilizador
pode acontecer ao pão colhido
ser adubado com sangue
e as terras aradas darão frutos esquisos
com sumo de ideais falhados
cascas de suspiros de paz
e sementes metálicas
(as mesmas que ouves sibilar em dias de sol
por entre o canto silencioso das cigarras)
nas searas e nas vinhas
não cheirá a suor
enquanto arremessarem impolutas granadas
como grainhas de espontânea geração
do fogo nascerá o caos
reordenado com lágrimas ressequidas
com cantos de vindima celeste
então
sobre o restante
se debruçarão os sábios
e falharão
não mais se saberá
nem ouvirá falar
de homem.

CAPÍTULO III

DAS DIVINDADES ÀS TRÊS IDADES DO HOMEM:
DO SONHO, DA CORRUPÇÃO, DA MORTE



vem correr comigo. cabelos soltos ao vento.
pernas açoutadas pelas espigas. poema lançado ao fogo.
o cheiro a húmus e feno
calma aldeia de terrenos povoados
gente afanosa que semeia o que se colhe
terras adubadas pelo suor
mãos calejadas pelo labor
pó a arreigar nas rugas da cara
os dias verdes e azuis, cinzentos, iguais a tantos
os cães guardando os rebanhos ao longe
a fome e os belos prados
o sol a pino, como pá ou picareta abrindo estradas,
fazendo brotar água das f(r)ontes dos lavradores
a brisa que não sopra na sombra da merenda frugal
comida de crianças para homens feitos
de novo a enxada até sol-pôr
vidas penhoradas por frutos não-colhidos

ao longe carros sibilantes na poeira
atroam a calma
nos céus enormes monstros dos ares
violam a aldeia

o sino assustado repica a medo
no telégrafo sem fios há pardais
nos estilingues ou físgas há pedras
as velhas ao sol nas portas abertas
enxameiam moscas e crianças que chafurdam na lama
cães encostados às próprias sombras
sacodem insetos, coçam as pulgas
(em todas as elites sociais há parasitas!)

cabeças inquisidoras em cumprimento-saudação
lábios cerrados em comentários impróprios
pairam murmúrios, mãos que se levam ao chapéu

nós só queríamos verdes campos
a vontade incontida de correr e saltar
desejar a liberdade dos pássaros
as noites claras e límpidas
a terra a pulsar sob os corpos

frémido das suas formas, do seu calor
apetite das bocas juntas e as mãos
o nosso bafo entrecortado
por teto as estrelas.

32 | para uma canção triste de embalar (à bi rua)
jun 26, 1970

não vou falar de ti, de mim ou de nós
vou cantar uma história de embalar
quando as mulheres, por exemplo, no alentejo
tinham as costas vergadas
as caras rugosamente marcadas
e o bronzeado de muitos sóis
mãos ásperas e fortes de homens

*- não vou dizer que eram robustas como certezas
mas direi que a vida vivia lá
entre vagarosos extensos campos
mudos e cabisbaixos como os homens
que adormeciam entoando hinos às estrelas
eu e tu dormíamos sob um branco teto –*

para quem as estrelas entoavam cantigas de embalar
a vida igual e os homens os mesmos
indiferentes chorávamos os nossos problemas
falávamos mas nada dizíamos
as nossas palavras lançadas à terra não germinavam
as searas dos nossos atos sem espigas para colhermos
o pão que amassávamos era feito de pedras
que tínhamos em lugar de corações
os homens calados e taciturnos
embalados entoavam cânticos
à paz universal no meio do silêncio
enquanto os campos se agitavam
as pedras floresciam e os regatos iam alegres
gargalhando segredos jamais pronunciados
eu e tu sob o teto branco por céu
e os homens que então havia dormiam
embalados pelas estrelas mulheres
as nossas mãos macias e aveludadas

J. Chrys Chrystello

o ar cansado e os olhos profundos
faziam rir de pena homens e mulheres
pelo choro dos nossos problemas

- esta a canção de embalar –

súbita e simultaneamente surgiu do nada
um metralhar impiedoso
ceifado, o sangue saía em borbotões
das bocas abertas mas caladas
como balões vazios ficavam os sonhos
para quê então uma canção de embalar?
entoemos em uníssonos, uma última vez
esta trova de ninar.

33

o calor das pedras

set 16, 1971

1

nas latas altas onde coabitam
cheiro de gente de trabalho
caixas de odores
com eles te misturas
ofuscando olfatos
cansados
insensíveis

2

deitados no calor das pedras
ao vento ou rumor do silêncio branco
habitando a casa do corpo
lá onde a mão se abre e vai
e os pés gelam na montanha
viva com sabor a terra nua
as ervas flutuam em teus cabelos
como em bocas de fome e frio
o olhar errante
luminoso
inflamado
neste corpo-não-sonhado que ondula
como ilha ou vulcão

68

3

a boca que na boca tenho
não me diz como és
se corpo, se coisa, se pessoa
a mão trémula te percorre
hesita pela resposta muda
entre ter-te (e não)
hesita no abismo dos olhos
enquanto nasces (ou não) decido
bebo as ondas vivas do teu ser
tecendo o momento vibrante
fogo, rio, oceano
árvore aberta num murmúrio
pela nuca, sexo, ancas
música mística suave sussurro
sem luta depões as armas
linguagem despida de árvore
apertas o chão onde caíste
desprendes o vaivém de mãos
resta a noite e a terra
e as formas já caladas
por entre o silêncio
de raivas penetrantes
devorando este momento novo
bocas silentes ventres em fuga
corpos em ondas de suor

4

com dentes curvos de derrota
cravo fundo na pele do desespero
olhos gazeados dedos enclavinados
- serena assistes com sorriso mordaz
- trincas os lábios empolgada
- compões o cabelo já composto
o sangue escorre em gotas
mancha na verde alcatifa
o telefone zunindo ao longe
mesmo que o desespero deixasse
a mão não o alcançaria
- ris-te sem disfarçar
- pedes que te agrida violentamente
- não te darei essa satisfação
o telefone retine insistente
a mancha alastrando

J. Chrys Chrystello

- o teu sorriso baila nos lábios sensuais
meus dentes fitam-te com desejo incontido
enquanto a loucura se apossa de mim
- tu sorris incrédula
- excitada pela sensualidade
- dominas tudo e todos
a loucura e a violência
rios de forte caudal desaguan
em cascata certa
nos fracos, falhados e submissos
- o teu corpo esquiva-se sempre
perante esta impotência alheia
- sublime e inconquista
- te levantas e saís

alagado em suor acordo

ainda e sempre este pesadelo
sem consumir a nossa boda.

DA CO U ÇÃO

34

o homem corrupto

jan 19, 1972

o homem corrupto comprou o país
praças de estátuas inúteis
coutada de privilegiados
alfobre de ineptos e inaptos
macabros torcionistas da verdade

composto o hino pacífico e marcial
como convinha à nação
instituíram-se feriados políticos
para saciar povos de aclamar

o homem corrupto comprou o rebanho
alimentou-o de fome e fé
vestiu-o de preconceitos tradicionais

encurralado nos desfiladeiros da mentira
torturado pelo opróbrio da grande farsa
silenciado pela humilhação da grande fraude
o senhor partiu

isolou-se orgulhosamente sátrapa

do seu antro ditava ordens incongruentes
colhia fundos e mundos, entesourava
a nação enriquecia à custa do seu suor
e era pouco

hipotecou o seu sangue
lá fora no mundo que avoengos construíram

a mudez era enfrascada
sujeita a análises laboratoriais
imperava o silêncio total absoluto
e a polícia, de si própria e dos outros
caçava louvaminhas inconsequentes

o homem corrupto morreu
deus-de-si-mesmo-e-dos-outros
nem todos

além das lágrimas extorquidas à fome, ao desespero
intelectuais, homens-de-bem, sonhadores e utópicos
viram chegada a sua hora de ação

(presos por motivos políticos
TODOS
foram executados pelo novo tirano).

o general medrou no instante obsceno
imponderável espelho de todas as ambições
rosto ou eco de mim próprio?

espio o calendário esfolhado
horas desertadas num véu sem mistério
em cada janela do tempo
(a cada momento

todo o ato
é desnecessário)

senhor general cuidado com os vidros
monoculares olhos de todas as guerras
suspenso do fumo

ardente farda

boiando descontrolado
me afogo
são vagas as recordações
e me inundam
suspenderam a rotina em volta
interferentes e intrometidos
de louco me apodam
nem um gesto por mim
pelo vagar deste cansaço antigo
desaguo na praia
longo areal de memórias
exauridas
ofensas se erguem os lábios
no desdém da colher
retemperado (pelo açúcar indissoluto)
pago o preço deste sonho
outro
ignoro o desdém
ruidoso relógio nos matraqueia
calcorreámos as folhas deste espaço
inútil livro que não escrevemos
soam clamores, cláxones e freios
alheado prossigo
vociferantes vozes que já esqueci
devo-lhes novas angústias
somos a cidade do passado
estéril abismo que recusámos
carcomidos degraus da sombra me protegem
solitária melopeia de saudade
no espelho se esvaíram dez minutos
renasceu há apenas três senhor general
atravessava o corredor imaginário
uma ficção de rua quotidianos esbirros
no nexo do real
saltamos o grande muro
de nós mesmos
desconheço este fantasma que habito
repetem-se passadas antigas
como se fossem primeiras
estranhas forças me dominam
sibilante é este tempo inventado na brisa
o vento novo na casa da palavra
a ordem cumpriu-se em nossos caminhos
a longa missão povoa-se de alegorias
escombrosos dias
muradas deliquescências

escabrosas invadem
o revérbero da imagem
no princípio do beijo
o mundo
desaustinado ato
inaugura a luta

sabíamos ser o cavaleiro andante
solitário líder da resistência
ei-la
é tua
desfruta deste conluio
não à avidez
soçobrantes corpos
encrespadas mãos
quase unidos no prazer
na posse primeira
(a eternidade é uma falácia, dizem!)
estralejante civilização
da bomba letal
cercados por decadentes fomes
soubemos da vida
bebemos a taça
no sétimo céu das indiferenças
emborca o general
vitória pírrica sobre o medo
soldado de muitas guerras
todas absolutas e finais
nunca libertado
do embalo de sonhos inominados
matou
decepcionou
estropiou
nunca a verdade saberás
general-da-grei-sem-lei

- o nome da paz desconhece o sangue da liberdade -

DA MO TE

36 |

um homem só

mai 9, 1972

(um homem só
corpo
sem que alguém vá
e o erga)

aldeias da história-lenda
fogo de imigrar em sangue remoçado
verbos de mata-bicho

idades-tentáculos-de-ilusão
névoa de baforar desprezo
esta deverá ser a leitura

(habitante-perdido-de-um-qualquer-universo
cósmico
mísero
estrangeirado
bebes o sol puído pelos outros
cavas o mosto
no feudo da tua pátria

- revoltas adiadas no acre travo do vinho -)

homem-adeega-de-qual-desespero
reinventa-se a esperança

submisso aos suores fáceis
subpeça
roda-dentada da produção
vives na sacra coutada dos monstros
cansam-se os dias sem alma
esclavizadas horas
metálicas vozes de robôs
descomandando alienantes vontades

marejados olhos de saudade
verdes campos de miséria
searas de fogo lavradas
corpo de todos os ventos

J. Chrys Chrystello

(envilecido corpo
 lasso
 corcovo
 trôpego
o homem-mascarado-de-máquina
foi substituído sem palavras
liberto
sem ópio de vis moedas
 corroendo vagos bolsos
vágaros passos em jardins eternos
sem horários nem vida
 esquecido o temor chantagista do desemprego
o velho homem
 de esperanças ulcerado
chorou ódios
 nunca imaginados
atemorizante
 crianças se refugiavam
 apreensivas

e o desperdício-de-ossos-sem-ofício
sem entender
sem força de gritar
 o nome violado
 a vida pontapeada
sem reforma nem caridade

piedosas senhoras tricotantes
agasalhados canídeos de estimação
 adoração

rosnando ostensivos insultos
provocante pobreza homiziada

sozinho no enorme concreto da rotina
o pranto dum homem condenado
lá onde a idade acusa
 fictícios mundos

substituído o pária explorador
 de complacentes amos
 insobrevivos

impante de crómio
cintilou o robô
sem doenças
cansaços
pausas
sofrimento

inconsequente
alguém poluiu a paisagem
um corpo vadio acalentando deceções
o polícia-de-giro torceu o nariz
o motorista-fardado sorriu indiferente
o caniche gostou daquele extenso poste

chegada a noite
habituais
os amantes estranharam
era de chaillot a louca
tropeçando no fardo
o jornalista pressuroso
bateu mais uma chapa
sem risos

ninguém perguntou
porquê ou como

o corpo ninguém o reclamou
no laboratório hospitalar
o retalharam
e depois de usado
o lançaram à estrumeira
não lhe sabiam
nem nome nem a idade
nem lhe pagaram o direito à morte

as aves sussurravam LIBERDADE.

1

com riso podre de corpo mecânico
cansado de inventar flores com lágrimas coloridas
suo espadas de amor na fragilidade do cristal
violo a sombra que nua projetas
neste silêncio de palavras que adormece
agarro nas mãos árvores onde nunca me enforcarei
fecho os olhos raiados de imaginação
sonho este campo verde do teu olhar
planto atos de que não colherei filhos
atiço o fogo de me sentir vivo
refugio-me nas faúlhas desta barricada de palavras
aqueço-me com olhos de ninfa
cubro-me com lágrimas secas de ossos ressequidos

ou então reescrevamos tudo desde o início:

suo cancerosas flores no cristal do riso
mecânico é o violar da tua sombra disforme
cansado de viver lágrimas no horizonte
em mim começa a paisagem peregrina
são teus os seios e a caridade das piranhas
o gelo e a cicatriz da linguagem
nos adormece
cósmica é a poeira de teus afagos de ninfa
(choro convulso de ossos ressequidos)
eloquente barricada de palavras
na multitude dos partos
troncos estuantes me repousam
(lá onde jamais me enforcarei)
morrer não é arquivar lapidares pompas
em ti levedam (de)cantados silêncios
repulsa de ódios sem dimensão
prosaicas asas voam em nossos pés
no bosque inacabado que és
me quedo adjacente e inútil
por que evitas cantos heroicos
eu os invento nos demideuses soçobrados
eu os amortelho
éticos solos
pútridas sementes
recusados
do alto da pirâmide
os vindimam no remorso
violento naufrágio de um qualquer hino

no labirinto do medo
florece a catedral da carne
transmigra o sexo sedento
- sim! colonizámos os corpos de ambições desmedidas

2

morrer não é ter flores na campa
é estar aqui inútil e deitado
enquanto sofres ódios desconhecidos
de ideais em que nunca acreditarás
na floresta onde cantam os pássaros
não batem corações de heróis como tu
e o canto das aves sou eu que o invento
à medida que os heróis morrem
amortalhados em folhas secas
os homens não se queixarão das suas crenças
os corpos não descerão à terra putrefacta
ela recusará o corpo dos heróis
para que possam apodrecer envoltos em remorsos
e as balas deixam de matar os pássaros
cujo canto invento
salpicado pelo sangue de um qualquer hino

- NÃO À VIOLÊNCIA! –
exclamo neste silêncio de paredes nuas
enquanto esmago uma mosca em gesto de indignação
é proibido falar de amor
se homens-não-heróis insistirem em comprar corpos
violentando almas que já não existem
por entre riso rouco de animais

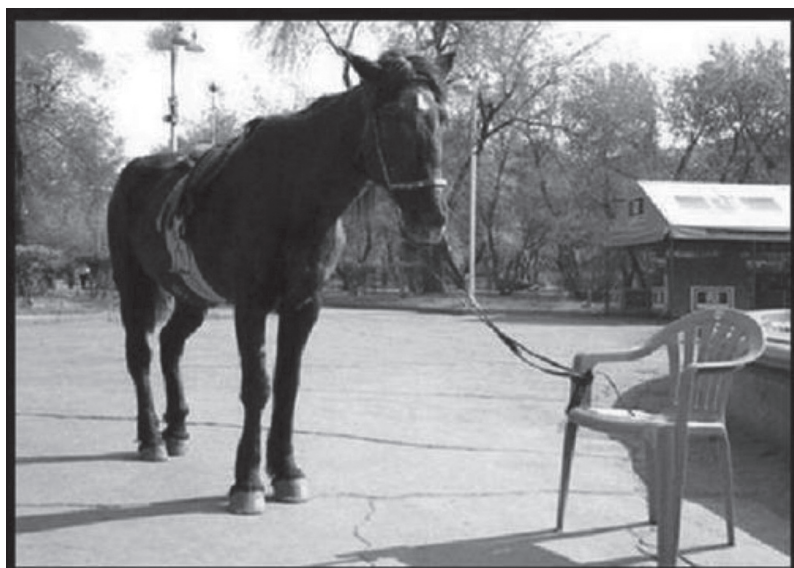
enforco-me na cobardia desta inação
com palavras inúteis
morrem fuzilados filhos

embalados em tempo algum
em berços repletos de esperança
as mães arrancam a carne com unhas de desespero
choram lágrimas de espadas
de vingança não desembainhada
rezam preces que homens lhes vendem a troco de religião
acendem velas em altares e vestem de luto
mas os heróis verdadeiros não ressuscitarão

idades choram nas ruínas
esventradas pelo vulcão de caprichos
idades se erguerão mais altas e ocas
nelas nascerão os que as hão de arrasar.

CAPÍTULO IV

DAS VERDADES HEROICAS
TALVEZ INCONFESSADAS



ÀS VEZES, AS CORRENTES QUE NOS IMPEDEM SÃO MAIS MENTAIS DO QUE FÍSICAS.

J. Chrys Chrystello

38 | memórias mistas na ilha encantada das brumas
[nos 57 anos do meu pai]
nov 27, 1971

na ilha enfeitiçada das brumas
festeja-se hoje o dia universal do amor

apesar do armistício mundial,
as nações beligerantes
num desespero de tédio
tentaram boicotar a iniciativa

meu pai
- homem de palavras poucas mas sábias –
nunca me disse onde conheceu minha mãe
guardava esse enigma
ciosamente
com laivos de vingança contra o mundo

ao caminho demasiado árduo,
preferi a vida,
a aventura,
emoção,
luta fácil

um dia, belo, cinzento
discerni o mistério inviolável
meu pai divisara minha mãe
na ilha encantada das brumas,
onde habitava a paixão

jamais a visitei,
por isso, sempre perto de meu pai,
longe dele estive.

heróis à força, sem força

dez 6, 1972

(*runaway schoolboy, a allen ginsberg*)

rescende no instante a muda seiva
gorgolejante
apocalíptico rumor
horizonte longe
perdido limite sem idade
refratário sol
no grande canyon de todos nós
abrasa-nos este suco de texas-tea
impetuosa a boca do vento
rasgou a fonte do olhar
diante de nós *the trip*
miragens eternizadas
paisagens sem nome
inundadas armas do ventre
lento se abriu o tempo do delta
fulminantes deuses estátuas de visco
o triângulo, vertiginosas ancas
crescemos na seca sede
- o país do corpo em retrato inteiro –
espoliamos a nudez virgem
sem um vagido
correm duendes na floresta da seiva
irreprimida alegria escrava
pérfidos os gestos
devoravam a paisagem de medos
e tu
minha pobre árvore despedaçada
permaneceste
extensa, plácida testemunha
e duma só vez ao homem prometido
silenciaram o relógio das veias
amputadas vinte-e-três vozes de mistério
o grande escravo branco da medicina
encolheu indiferentes ombros
sarcástico cuspiu *god's away on a trip*
então o intenso aroma *peyote* nos estremecia
e pintávamos jeronimus bosch na cela hospitalar

J. Chrys Chrystello

ríamos do *straight PhD MD*
gettin' high embandeirámos o desprezo

lembras-te, meu amor?
o berkeley tribe tão póstumo
na face do cortejo
frisco era a cidade
e nunca lá fomos.

40 | habitante de todos os calendários

jul 26, 1972

este o dia
celebrado habitante
de todos calendário

pendente memória no jornal de parede

voo único
irrepetida viagem
ressurreta

canónica consagração da utopia

este o dia
exógamo ato
desfraldado grito
de todos bandeira

imodesto orgulho
ambição
insofreada sede
de não ser-só.

colinas tranquilas do tédio
resgatam céus do hábito
pastores de entoar estrelas
sacro ofício de deuses

ninfas de lã
 sacolejantes
 campesinas
descendo aldeias de lousa
vendendo corpos de inverno

- ciclos transumantes de vida –

cabanas de colmo
 com odor de homem
áridos sons
 montesa linguagem
frugais merendas de condutores de rebanhos
sonhos de fome e frio

rústica paisagem
 fragosas escarpas
cio longo
 noites de vigília

uivantes lobos
 no hálito das trevas
agrestes vales
 povoados
 anjos desasados
estábulo com horizontes de lua-cheia
poeira de tojo esventrando a solidão
mulheres nascidas de bafo
 cristais de cinza
na terra esboroadas
 estes pastores
 na sorte diferentes.

CAPÍTULO V

DAS DOLOROSAS CERTEZAS

NARRADAS COM TEMOR



42 | a mulher de metal (à maria teresa horta)

abr 27, 1972

à maria teresa horta
(ainda a parede em frente
eivada rotina do insulto
mística música de pedras

não partem
não cedem)

a mulher-de-metal emergiu
sacrossanta (mas não muito)
entoava um qualquer eletrónico salmo
ridente pendia um crucifixo

sexo irradiante de aço
mecânica erupção
roliças ancas
inconclusos seios
o reflexo de zinco compunha
fria linguagem
metal-de-mulher

linear o tijolo e a caliça
talha grosseira de cristo
acobreada pelo cio
primavera-de-uma-só-noite
robô-de-mulher-teleguiada
refulgente é o olhar
iridio-4

carnuda
desenganosa engrenagem
oleada
para não cerrar dentes
ao prazer
à derrota

sonora
inflorescente fêmea

- também tu crês na emancipação da mulher? -

autoestrada da fama fácil
estirada
 jacente confusão
intricados ossos
 sangue e ferros
 contorcidos
perdida a grande corrida
sem títulos que valessem
nem sorrisos vagos
 desocupados
onde os olhos-de-embalar-promessas
 publicidade
objeto - sim(biótica mulher) de símbolos
 signos
coisificado o mito da feminilidade
viagens
 prémios
 diversões
e um automóvel-caixão
 para morrer à fatal velocidade
 curso de beleza última
já no tabuleiro frio da morgue
 se ergueu trémula
para se maquilhar de branco
 tom suave
 próprio para o evento
bela-de-dia-se-deitou
 extenso sorriso noturno

e o corpo premiado na grande exposição
à terra desceu
 sem ovações nem desejo.

bato à lembrança dos dias
pela porta entreaberta
ouço saudade

entro na sala vazia
nas paredes nuas e frias
nem uma fotografia
para enganar os olhos

vasculho nos cantos e buracos imaginados
nem uma migalha para a memória
incrédulo saio a correr
com a sensação de ter perdido
parte de mim.

...

ah! este destino de mãos com dedos
palpando corredores da memória
à desfilada em madrugadas ossudas
corpos atirados aos astros

caminhas nos desfiladeiros do sonho
com sóis na boca de beijar estrelas
calas este pus amargo
com olhos-de-mar-e-algas
nas rochas insofridas
sim, falas pelos teus olhos de silêncio.

era como sentir um deus dentro de mim e depois aquilo começava a mexer, a bulir, borbotando, saía da pele, trespassando os ossos, raspando o ar ao mesmo tempo que as mãos: como quem corta um pão enquanto permanece imutavelmente estático, sem queixas, sem gemidos nem dores, moldado ao gesto, elástico...

era como sentir o tempo parado amanhã e apenas se visse o futuro em tudo, até no nevoeiro que crescendo dentro de nós já era húmido cacimbo, lá fora objetos mudos, quietos como jamais, nem dez segundos tinham passado e já era amanhã, vermelho, gorgolejante.

(o futuro às vezes pregava destas partidas).

olhos sem brilho desorbitados, vagos, num qualquer espaço que nenhum de nós sabia identificar: como se estivéssemos do lado de lá e quando nos mirássemos, logo nos escondíamos com pavor então, vinha o espelho, as pessoas perguntavam por si próprias e as imagens...lá perduravam, as pessoas não.

os rostos abrigavam-se num qualquer buraco à procura da luz que não vem dos buracos.

já era dia, as ideias cavalgavam os minutos à desfilada por entre mudos sorrisos tolerantes de loucura.

ninguém acreditava na linguagem dos olhos que já eram pó e habitavam um qualquer caixão, no entanto, ali estavam indesmentíveis, lembrando-nos como continuávamos vivos, de pé, naquele templo de morte.

era costume pendurarmo-nos no tempo e os minutos eternos e futuros brincavam connosco, puxando-nos as cordas para nos balançarmos aflitos e temerosos já que não saberíamos viver noutra tempo.

e já tudo era música, vinha dos olhos, penetrava o sexo até os dentes rangerem de prazer.

tudo era música incluindo o encarnado das paredes nuas (jamais haviam sido caiadas – como numa acusação) e vinha dos poros de suor, do cabelo empastado como bolas à chuva de verão (que jamais tombará!) sempre a música, na luz, nos sons irrepitidos, mijando na lua, na poesia, na inutilidade de correremos atrás do que sempre nos fugirá, irremediavelmente parados num vasto campo atulhado de urnas vazias – JAMAIS ALGUÉM EXISTIU LÁ –

o som alucinado, as pessoas bem bebidas saindo com passos trôpegos, proclamando profissões entre confissões que nunca serão assinadas porque sinceras.

e um cão sem sexo pois nunca foi cão, encosta-se a um poste, fitámos o animal como se ele existisse e nos chamasse e houvesse poste, depois afagávamo-lo com o olhar, dormiríamos descansados com o poste seco como sempre esteve, apenas poste, nada mais

um gato miava lugubrememente a um guarda-noturno, sem rua nem farda, pois nunca foi admitido e continua a viver iludido, enquanto lhe pagam a fome com sorrisos de comiseração, e diariamente se arrasta pelas portas que lá não estão mas deviam, e já há quem lhe atire pedras, as quais não lhe acertando o trespassam, caindo atrás dele como se não o tivessem atingido, o que é mentira, pois as pedras tombam magoadas com restos de sangue coagulado, e o sangue das pedras é vermelho como o das estrelas que não brilham enquanto houver uma chávena de café para estancar o sangue com merda.

já é noite, sempre o foi, mas o sol não acreditou até ver uma ratazana morta de medo e um polícia à paisana num bordel, vestido de luxo como morcego de raça, por entre pedras preciosas de mil enganos fosforescendo na treva...

um mendigo busca um lato de lixo bem conservado e próspero para deitar os seus restos (que civismo! – comentarão e a esses responderei que nada disto existiu) depois, alguém irá, na sua opulência, remexê-los (inventar-lhes-á um nome, talvez banquete, palavra que conhece por ouvir dizer) e continuará de mãos bem estendidas sem que alguém vá e as acaricie (exceto com a saliva do desdém).

a rua vazia como se ninguém a tivesse atravessado desde há séculos, o que também é mentira (outra), pois das pessoas sobraram sombras (ficam sempre para alguém ir e guardá-las) e cabeças de crianças que não nasceram, espetadas no chão para exemplo...

passavam sem as verem, pisavam-nas e elas sem um grito, até que alguém tropeçou e todos se calaram, era tarde, já chegara a hora de recolher, não havia tempo de arquivar imagens de agonia já as gentes voavam mesmo sem quererem, incapazes de saberem como evitar pisar essas flores estranhas que ninguém colheria.

cansadas em casa sem asas nem memória (que esta é uma dor), queriam dormir tranquilas e drogavam-se, com pílulas coloridas, cada uma era uma cabeça de criança peçolada em tamanho de alfinete sem ponta nem voz.

o sangue jorrando continuamente como cascata em sonhos, como alguém quase a afogar-se querendo acordar para não morrer e logo acordando, nadavam desesperadamente, não havia já quarto ou sala ou casa e ninguém restava para se lhe narrar o sonho.

era assim naquele tempo até que um génio inventou a fala e todos gritaram como se fora vital, então, outrem gritou a lembrança de que já antes se entendiam por gestos e daí nasceu o silêncio.

depois o hábito, o esquecimento, sem saberem o que existira antes do silêncio, e então já eram sapos de enormes bocas abertas, nem precisavam de boiar para (não) morrerem, pegajosos agarravam-se à paisagem evitando a todo o custo cair nela, dando-lhe cor sem movimento; como tinham o dom genial da voz sempre que respiravam e não sabiam que o faziam, logo morriam de novo (desta vez sufocados).

filmes mudos não havia, eram todos toupeiras à custa de terem os olhos vendados (para não dizerem do que viam), escavavam, sacho-lavam sem uma palavra, incitamento, e tudo ruía por toda a parte

deus não fora ainda inventado – nem era preciso – ninguém pensava e se o faziam, pensavam que não podiam, e acreditavam que não (assim estava determinado para não se contestarem dogmas).

foi nessa altura que a estrela se intitulou um qualquer nome e desatou a rodopiar, percorrendo o espaço em fuga interestelar, deixando para trás um rasto invisível que só tomava forma na imaginação das outras estrelas, as quais vinham de noite passear o cosmos, afastando poeira à sua passagem, desafiando o tempo, essa sucessão de instantes incabados, infindavelmente continuados e perdidos desde o início, pois tudo foi sempiterno (até o silêncio) por nunca ter existido...

esta noção de amanhã é falsa, equívoca, ainda falta inventar o “agora” como quem pede desculpa e não sabe, e já de trás todos gritam dizendo que sim para se suspenderem da sua total ignorância sem terem de admitir e confessar a sua inexistência, e então, de novo, inventam algo chamado “ontem” para se autodesculparem, e logo lhes agradecemos sem sabermos porquê.

não estamos desesperados para nos suicidarmos com palavras, lá no íntimo nem a certeza de termos jamais nascido, tudo vago, sem contornos, sem cor nem forma.

VOL. 3&4 (1970-1982)
j. chrys chrystello



honorada gratidão aos que me lerem
a meus pais de quem nasci
à mulher-mais-que-inventada que imaginei
aos amigos sobrevividos e esparsos
aos bastardos, inúmeros e inominados
aos outros, companheiros desta viagem extrema
ao país emigrado, ao povo ignoto e só
às estórias-da-História-por-contar
 lego as palavras primeiro exiladas
 inconquistas cidadelas da utopia
 o poem'arma vem e grita
 renúncia
 zenital voz
 incestuosa geometria
 mentira do corpo
da raiz do tempo
da vala-comum do sonho
 o voo supremo
 o alento
 a revolta

(ESTA A LEITURA LIBERTANTE)

fogueiras
perenes habitantes
 deste deserto com vozes
a amizade e o verbo
e o livro
 se fez casa
à boca-de-cena
 o ponto vos cita
atores multiformes
 desta farsa
 quotidiáfana
juntos escalámos
 estradas de asas insuspeitas

*"god's on trip getting high
god save our bob hope".*



CAPÍTULO I

MULHER



cada ciclo tem por base a congruência de todas as incoerências da unidade do pensamento do criador que se autorreserva de ilimitada idoneidade para a mais ampla, livre e independente expressão dos seus egos. o globo mede 170 centímetros com uma massa de 63 quilogramas e gravita na eternidade.



S RAÇÔ SV 4P RAN N N ÇÃ J N R,MA A 1 771 0)

J. Chrys Chrystello



48 | poesia revisitada (de novo a ti, daniel filipe)
mai 16, 1976

ALERTA! a imaginação tomou de assalto o poder!

hoje
virão talvez crianças
descendo as sagradas ruas das máquinas
acampando nas avenidas da liberdade
por inventar
dando-nos as mãos
os sorrisos
os sonhos

hoje
nas campas rasas
estarão heróis que nunca foram
(perguntarão
quando somos ouvidos?
(a nossa carne encheu canhões
no-la recusam agora?)

os mendigos
desempregados
reformados
deficientes das guerras todas
as pegas
messalinas
prostitutas
meretrizes
chulos
traficantes de ilusões

os burlões
ladrões
criminosos
e demais gente ordinária e vulgar
anunciam manifs reivindicativas
("a greve será total! – dizem")

enquanto isso
partidos
militares
sindicatos

J. Chrys Chrystello

demais desorganizações de massa
do governo exigem
a ordem
a força
a autoridade
das armas
a repressão
o estado-de-sítio
a censura
até mesmo a pena de morte
por toda a parte
solidária é a luta dos oprimidos
– clama o poeta!
única é a voz dos marginais
- escreve o louco sensato
nas paredes sem grades
desta prisão
(aqui e além leves escaramuças populares
não há baixas dignas de registo
- asseveram fontes oficiais
geralmente desinformadas)

a sociedade é um flagelo social do indivíduo
libertemo-nos da grande ameaça
– denunciam os dissidentes

a situação é calma
assegurado o controlo total do país
militares, militarizados e milícias
em prevenção rigorosa

algures à mesma hora
num público jardim
um casal de amantes
felizes
desocupados
despolitizados
fazem amor
despreocupado
sem carácter de urgência

confundidos por vulgares agitadores da ordem
foram chacinados ao despontar o amanhã
(felizmente havia luar!
comentou lacónico o primeiro-ministro
muito dado a lucubrações intelectuais).

inventario teu corpo vazado
urgente fruí-lo enquanto puro

depois
abandonada
erguerás o apelo

o deve e o haver
o balanço digráfico

desperdício
formas sem uso
comércio em desvalorização

e o investimento do corpo
sem reservas fiscais

sejamos compreensivos
toleremos a depreciação

o estoque inútil de teus ossos em saldo
o líquido lucro da virginal lembrança
hipotequemos a mercadoria

vendida
trespassada

até à exaustão

cumprir-se-á o destino

prazer pago
parca comissão

satisfeita a lúbrica ânsia

a frustração
sem choros nem queixumes

apodrecida e descarnada

venderás luar em teus olhos sem vida
nas esquinas do tempo-gasto
pobre meretriz de tolos e vadios

então o IMPÉRIO

a GRANDE INDÚSTRIA

Corpos e Cia sarl

reunirá o conselho de administração
abatida ao património

ossos inúteis

sem ofício nem remorso

J. Chrys Chrystello

ninguém lembrará a força bruta
a tímida escusa
criança sangrenta desflorada
sem direito a crescer
o lar submisso onde não aprendeste
a sonhar
amor a prestações
lenta morte
sorriso alvar
o desdém presidencial
tranquidormentes consciências
proclamações de progresso irrefreado
lucros de sociedades novas
sublimes missões
homens novos
todos predestinados
comprando luar em todas as esquinas.

os corpos se venderam
por dez reis de nada
assim se serviam
do que criam inútil
e se davam
fáceis e apáticas
faziam amor
como quem respira.

isto é
o rimo cósmico da órbita do poema
descrevia uma senoide irregular
e de tanto engravidarem
sentiam na carne
o vício de todas as necessidades
e de tantas fomes acalentarem
o instinto as aguilhoava
nascituras
logo então vitimadas
- EROS senhor e amo nos jardins de leste -
pequenas
saracoteantes
delicado delinear
de dietas forçadas
figuras de cabaia e lipa
dos agrestes picos montesinos
às estéreis planuras
frágeis ninfas
na terra que "o sol em nascendo vê primeiro"
diac ca lai? la diac malai
e a gente compra
Escudo iha né
la coi! ata!
lima escudo
cabeça bulak! menina lá diac... ossam báric
lulic
loro mai, loro manas
os lábios de carmim da viva cal e da harecan
haneçam laha malirin.

ave louca
 em sinusoide voo
rias-te
 nem sabias o quê
 de quê

era já o fumo
 olhos e mãos
 baça voz

gestos nunca antes inventados

sabíamos do tempo
 a imponderabilidade
a curva obscena dos corpos
na posse do mundo
 estávamos e éramos
coloridos e diáfanos
 queimávamos identidades

alguém cantarolava
 palavras
 desconexas
 inúteis

carícias
 premeditadamente esquecidas

ela se levantou
 e a víamos como se não fosse

isto é
 criada no instante mesmo
hesitante
 avançando pela janela
ninguém a abri
 seria talvez noite
transcendental o país
 bebedeiras de amor
 roteiros estelares

no suor do regresso
 como se nunca partiras
no sorriso distante

nos teus lábios
 cresceram da criança os olhos
encheu-se a sala
 frágeis gestos
alguém ousara!

na rua um escape
 no silêncio do grito
a regra é saber que horas são
 ou o medo
 a vertigem

a regra do pavor
 o voo de ficar

céleres que nem imagens
falam de nós
 no teto branco nu
ou somos
 desirmanados
 no frémite que nos invade

a resposta recusada
texto ou resumo
 a vida violada.

nesta calma
doentia e resignada
mórbida conformação
de assistir agonias
estrangulámos sentimentos

impávido e solidário
no logro deste fatum
voarei
livre de asas
aos cumes mais sacrificados
à dor insuportada
gritarei
te amo

este o curso da vida:
o decurso
o discurso
o recurso
o incurso
o excursio

anda
vem correr pela praia
mãos ao vento
na areia
ainda molhada
adolescências perdidas
vens?

o enorme pássaro azul te descreve
em seu reflexo vejo do voo
o prazer
e vou

imaginar é já esta viagem insuspeitada
asas multiformes
amplos espaços
roteiros de ti

(a LIBERDADE não se aprende
conquista-se!)

círculos de luz
na cor
no ciclo irrepitível do tempo

Mardej era o nome
flor apenas
e jovem balinesa

alva página esta
página alta
insubmissa

virginal era o silêncio
e se fez música

frágil o corpo
e se fez bailado

revoluteavam línguas
unhas de fogo e fome

migrantes mãos
percurso primeiro
incontidas
hesitantes
exaltantes

era amor?

nem o sabíamos fugaz.

partir!
cortar amarras
como se ficar
fosse já um naufrágio
ficar!
como quem parte nunca
partir
como quem fica
nas asas do tempo
esta a mensagem última
solidão sem nome

o ridículo das palavras nos move
sim! creio em nós! ou talvez não
os filhos farão a história
e será deles
talvez a esqueçam

partir!
cortar grilhetas
como se morrer fosse
levar este desespero
ao limiar
de todos os impossíveis
vencer ameias
cortar amarras
velas ao vento
olhar do mundo
os deuses e a carne

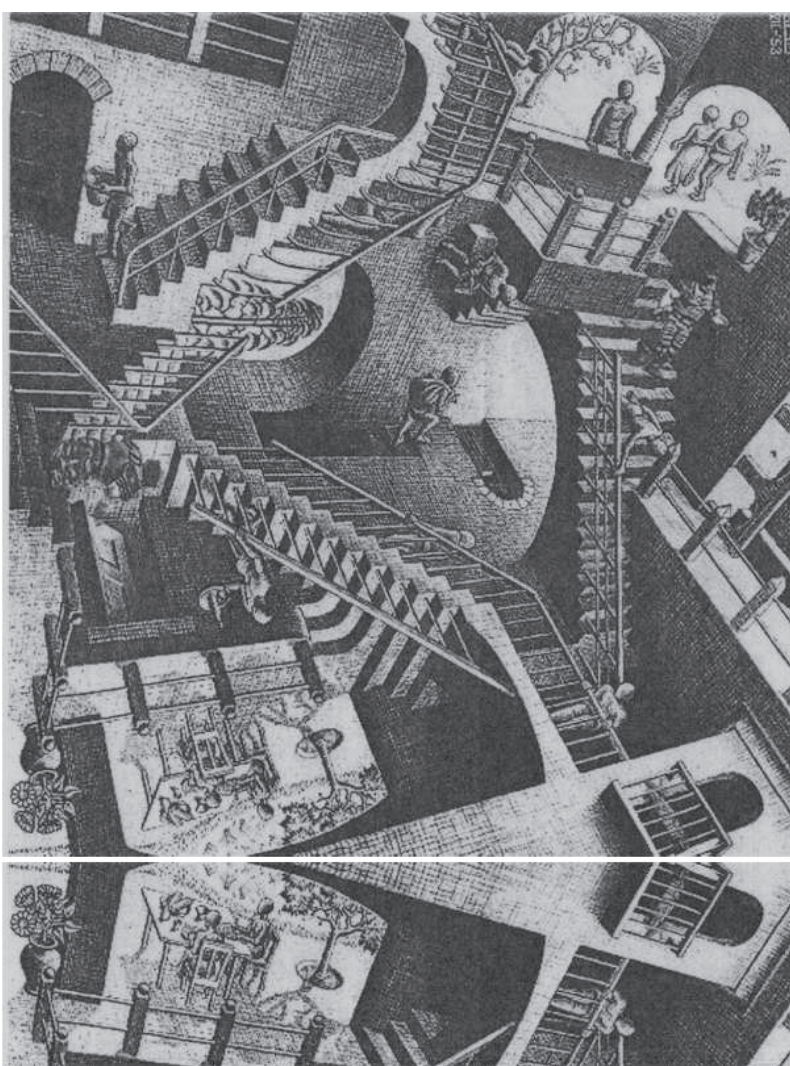
crua
impiedosamente
se vive
este tempo de incúrias
me inunda
no passivo desleixo
buscar um ego por medida
erguer a voz
sem medos
rasgar as pedras
e o ventre
semear desencanto
esta aridez que me possui

.....

e sorrir
no olhar verde da grande utopia
na espera dos louros cabelos
na esquina destes corpos entrecruzados
nascer
de novo
uma vez mais
(em vão?)
acreditar coletivo este inferno
dar o salto
transpor a fronteira
entre o ter e o ser
imaginar
como só os loucos sabem
o desprezo
armar sorrisos
às conveniências
agonias lentas
de conviências
.....
criamos a norma-anti-norma
anti-resposta
anti-vida
como ser feliz
aceitar os sonhos
e então chegaste
com primaveras nos dedos
loucas promessas
insinuavas
despontaste
como quem acorda
horizontes perdidos
demos as mãos
sabor de início de mundo
depois nos disseram
do ódio
como um aviso
espiavam-nos as sombras
com uma raiva infrene
cuspiam nos olhares
que não entendiam
este o lado outro
das palavras por dizer.

CAPÍTULO II

EGO



caminhas
 como se asas houveses
ignoras o pensamento
 e te transporta
círculos descreves
 negação do ego teu
existes
 enquanto contraditórias
 as razões tuas
delas te evolas
 por sobre a turba anónima
em nada crês
 e é tua a natura-mãe
motivo
 consequência
dos outros
 sabes a inocência ingénua
 e o dolo
proclamas o autoequivoco do elogio

TUA A VERDADE

 só tu conheces
 habitas
 desprezas
falso o mundo
 dos olhos teus
como a estória do que sentes
dos bosques
 sabes a ramagem
das nuvens
 os castelos

caminhas
 e em ti o equilíbrio é etéreo
ambicionas o mutismo
linguagem universal do devir
crias quotidianos personagens
ancestral a sabedoria que rejeitas
alquimista de impossíveis

de ti
a imagem só tua
no lado outro do espelho
de ti
a fala e o canto
e o mundo que conheceste
inventando.

(ESTE O SOBREHUMANO HINO)

57 |

carta a um homem só

porto, nov. 5, 1975

nasce
nem se sabe donde
coleante
se forma
se insinua
impotentes
desmascarámos
a voraz hidra
renegada senhora de nós
dos dias
se rói a memória
malsã mentira
a sabemos
tácito enleio
também tu
chegas
teu sorriso-menino
acaricias o hábito
silente
cúmplice

palavras haverá
nunca vencidas
é profundo este fosso
mudo
fugaz e única
esta vida
póstuma
a alegria
perenes
inclementes
dúvidas
(lembras-te?
amas-me, meu amor?
responde
mente-me)

respostas preconcebidas
vagas
inconsequentes
inapercebido o salto
o vazio
o abismo

lembranças com sabor a pesadelo
jogos do antigamente
o melhor é continuar
fingindo
desespero

suspeitas vãs
o despertar tardio
jamais será mágico
acabrunhados
repetimos o logro
irreconhecido.

suburbanamente vives
renasces quotidianamente no sol
que te alimenta
que te transporta

hábitos comprimidos no sono
cheiras a cama
correndo te perdes
te cansas
nascem os dias
na cidade
em cada rua e esquina
no matraquear lento dos minutos

nos acotovelámos vorazes
por entre a sandes e o copo de leite
a grande corrida no relógio das veias
e já somos o rebanho e o cansaço
triturados no suor do trabalho
na lufa do jantar
um marido às prestações
os filhos endormentes
a televisão deserta
o sono
cansados repousam
corpos desconhecidos
até um dia amor
e chamar-se-á liberdade
nos dormitórios da cidade
o silêncio nos embala
sem voz que se erga
nos sonhos que nos prófbem
sem que desfraldemos
no edifício dos corpos
a alegria das bandeiras
neste país dos cravos
as lágrimas vermelhas do seu sangue
deixar a alma
deste ritmo
parar
deixar o instante
deste tempo
renascer eterno

J. Chrys Chrystello

esta a proposta inicial,
iniciática
- até lá como?

59 | vontade é partir: projetos para uma utopia
fev 3, 1976

improvisa um despertar
nada tens aqui de teu
nada podes perder
quando nada tens
só a solidão pode perdoar

improvisa um despertar
dele será a tua luta
quotidiana
cobardes
inermes
inertes
e outros
bichos-de-sem-vontade
mero adorno
objetos a marginalizar

improvisa um despertar
e parte!
vontade é sair
tu
as alturas e as muralhas
montanhas do teu ser
vontade é erguer novo
tu
mundo dos filhos sonhados
habitantes futuros

improvisa um despertar
o que é novo
o que é mundo
não espera
tu desesparas

improvisa um despertar
e parte já!

novo o queres
logo é já amanhã
demasiado tarde

improvisa um despertar
e parte!
cá em baixo do céu
mulher
tu
amor
nem de plástico
e tudo é azul
no calor tranquilo
amodorrento da família
amoleces na indecisão

improvisa um despertar
e parte!
deixa o hábito onde o usaste
sempre
num cabide
esquece-te dele
deixa passados por ressuscitar
sonhos irrealistas

qualquer história triste
sem futuro nem presente
não é livre como o vento
sem raiz no pensamento
vontade é partir
como quem regressa
saber do hoje
o percurso frustrate

improvisa um despertar
e parte!
sem donos nem senhores
à desfilada na noite
da emancipação
conheces utopias

improvisa um despertar
tua é a voz
incómoda
perdida a louca compostura
do silêncio
a vida no grau zero
do zen.

mil sóis
o ritmo primário
a cadência beat
memória ancestral
poesia mística de pedras por decifrar
o voo atávico
alento último no suor dos corpos
dança da chuva em traje de circunstância
vindos de nem-eu-sei donde
marte, talvez
fantasmas antigos
soletram segredos esquecidos
castelos sem tempo
alquimias sem espaço
olhos dilatados nas lonjuras
lágrimas aceradas
espadas de gelo
sem medos
onde o cruzeiro do sul?
perguntam duas virgens idosas
(fiz-me desentendido)
voguei no vento sobre as areias
ali mesmo
caminhámos séculos
até ao fim das bocas
esperma salgado
púbicas efluvescências

||

- Já destruíram a face ao planeta! - exclamo

pássaro algum entoou o cântico da meia-noite
é dia
esquecido de mim
perdido sem lembranças
ou nome
ou nexo

J. Chrys Chrystello

o sexo viril
 húmido
 pendente
 de tuas ancas descarnadas
vagina sem dono
 no pomo desta maçã
percorro deltas de fomes infenecidas
farejo bosques que urbe alguma sepultará
cerca da fogueira
 teus ossos me ardem
remoçaste um parto louco
 sedes irreprimidas

|||

ANIMALS!

 sussurra incrédulo o gordo careca
 agita branco de raiva (ódio?) seu panamá
nasty pigs!
 rosna a dona do pekinois rançoso
espojavam-se nas rochas
 sem dunas
vasado o sémen no útero peregrino
gemia sussugante wonder alice
 nas maravilhas do meu país
nuas órbitas
 olhos e phallus
plástico transistor aos sapatos da jovem
 sem pés
vozear rítmico do *kecak*²
 balinês de nove séculos
woodcarven e *batiks*³
 bikinis por vender
 pele tostada e suja
ávidos de americanos turistas
o pregão infantil
o coloquial regateio do preço
 ridiculamente pequeno
 dez vezes menor

² Kecak peça do folclore típico balinês (Bali, Indonésia) pronuncia-se ketchak

³ woodcarven, arte escultural em madeira talhada e lavrada minuciosamente. Batik, tipo de impressão a cores em tecidos, própria de Bali.

o exorbitante exagero do trabalho
dez vezes mais gratuito
duas notas de dólar por mil sorrisos
cheias mãos de antiquário
comprador de almas
sem sonhos

IV

longe o surf
o vulcão silente de *kintamani*
corais
tubarões
pesca artesana
a sombra supersónica dos jumbos
milhares flutuantes
vómito infrene de gente
esvaziar o bojo e (re)partir
busca antiga de sentir novo
despir dos hábitos a gravata
férias sem rosto
historietas futuras
tédio adiado

burguês camuflado às flores
camisa, shorts e soquetes
chapéu de palha e sombrinha
óculos fumados e charuto apagado

embuste inexperenciado
o juro da alienação quotidiana
salário vitalício
a casa
a sagrada família

esta a pausa breve
fotos instantâneas a três cores
souvenirs de imitação
bagagens de bugigangas
gorjetas também



no colmo da cabana o fumo denso
balbuciar desculpas
 correr nu pelo palmar
 beber o coco e o leite
 shiskebab de formiga⁴
 vegetais
 soja
 *chilli*⁵
 vinho de arroz, *chau ming* e *vantans*⁶
 ninhos de andorinha

acorda amor!
 *buddha sticks*⁷
 ácidos paranoicos
 cogumelos azuis
 tão só para ti
paola
 a chinesa nascida em itália
 trincava *bikkies*⁸
marcello dormia com a heroína
bíblico moisés afagava em tróia
 helena
jimmi hendrix em intravenosa experience
bev
 a ruiva
 pintava originais de cetim
dick era ainda um *dealer*
foragido mas feliz
cérebros vazios
 mas cheios
 tão cheios
 alheios
conversas jamais acabadas
 empolgantes
no limiar infinito do genial

⁴ espetadinhas de formiga assadas na brasa.

⁵ especiaria muito picante à base de piri-piri.

⁶ *chau ming*, massa alimentar chinesa, mais fina que esparguete. *Van tan*, folhados fritos, típicos aperitivos chineses

⁷ marijuana enrolada em pauzinhos atados e dopada em ópio

⁸ diminutivo australiano para biscoitos

corpos balanceando cadenciados
afagos breves
sôfregos e sensuais
bebedeiras de suor sem calendário

cá fora o bailado sagrado de homens deuses
o *self stabbing* dos *kris* na carne crua⁹
terrífico ritual sem sangue nem dor
entre o êxtase e o clímax
caiem redondos de morte
atores da vida amadores
sacro licor os eleva de novo
investem frenéticos
descontrolados
oito possantes mãos os sustêm
macabro e belo espetáculo do *barong*¹⁰
iniciática peregrinação
bali - a ilha
banjal tegal-buni o templo
civilização século XI
mescla hindú-nésia
kuta beach a praia
ngaben a cerimónia ao entardecer¹¹

liberta do corpo a alma
a procissão
as flores
a grande festa da morte
oferendas na torre crematória
barcos cortejam as cinzas na noite
este o paraíso e já perdido

início?
fim?
viagem louca
a fome gelada de katmandu
o desprezo total em goa
lentos estádios da libertação
ardentes delírios tropicais

⁹ Kris - adaga longa e recurvada. Self-stabbing - autoflagelação com adaga.

¹⁰ peça do folclore místico de Bali, séc. IX-XII

¹¹ cremação

desconexa a fluente discursividade
arrastando da febre o esqueleto
comer sem fome
o *gado-gado*¹²
shop-suey
*cap cay*¹³

VI

janine a louca se masturba
no térreo adobe da prisão
contrabando de narcóticos
denúncia premeditada
despeitado amante javanês
regressará num *bemo*¹⁴
quinze lugares sentados
três os meses em atraso
amigos em trânsito
ávidos dentes nos *perama's cakes*¹⁵
árida sede dos *Pernod's à Poppies*¹⁶
joe cocker era tema no estrado
a dutch princesa olhava altiva
sotaque rolado
juntos entoamos hinos odiosos
à europa distante
brian parodiava liverpool mineiro
chegando bliss e o seu petiz-lord
(made in *grosvenor* - londres
em *buckingham* um queer
marido e MP¹⁷)
vestia 1920's com capeline
abominava libras sem ouro
como quem despreza

¹² *gado-gado*, pronunciado *gádú-gádú*, salada vegetal típica da indonésia

¹³ *shop suey* e *cap cay* (pron. *tchá- tcháí*) comida típica chinesa, pequenos aperitivos feitos de legumes e vegetais em fogo forte.

¹⁴ pronunciado *bímo*, transporte coletivo: pequena carrinha motorizada, com caixa fechada para passageiros, com capacidade de 6 a 15 pessoas, num espaço mais conducente ao transporte de quatro adultos.

¹⁵ bolos de banana típicos do restaurante *Perama* que na altura era copropriedade do autor.

¹⁶ *Poppies*, bar mais conhecido e mais internacional de Kuta Beach, Bali, no início da década de 70. Arrasado em 1980 para dar lugar a mais um complexo turístico.

¹⁷ queer - homossexual. M.P. membro do parlamento inglês.

VII

mais tarde houve luar em *legian*
margret falava de sindicalismo ACTU²⁸
petiscando *friend noodles*²⁹
éramos como jovens e ingénuos
helen ansiava banguete em reforços
vinte quilos de *thai*
bob hope cocada³⁰
todos pintávamos em silêncio
infernos de *dante*
o *allighieri*
viver num *losmen*³¹ é regressar
à amizade original
ao sabor de início de mundo

VIII

noutra qualquer manhã
domingo
*javanese dudes*³² excursionavam
pele alvar
kamera ao peito
flashes ao pôr-do-sol
como japoneses que não eram
anette a vegetariana
fugia da praia
imaginando-me russo branco
num curto intervalo de calendários
amor com carácter de despedida
ao canto chorava um xilo(bambu)fone
uncle sam perdia ao xadrez
desatento espreitava-nos

²⁸ a central sindical australiana, Australian Confederation of Trade Unions

²⁹ massa alimentar chinesa, tipo esparguete que pode ser liso e chato ou muito fino, e servido em tipo sopa com vegetais, carne ou mariscos ou como prato principal acompanhado por vegetais, mariscos ou carnes

³⁰ *thai*, *bob hope*, *dope* - droga, marijuana da tailândia enriquecida com coca, ou mesclada com ópio

³¹ *losmen*, casa comunitária: espaço habitacional aberto onde residiam os turistas mais económicos em bali, na década de 70

IX

quando as chuvas voltaram
fomos a *bangli*
no sopé do vulcão
o lago e a negra lava
fazia frio
disfarçados de turistas
ma non troppo
ouvíamos um *classical*³³ tão americano
arengava anticomunismo³⁴
anti-isto
anti-aquilo
(não mais me falaria
odiava desertores
antes isso!)
lascivo
comi os cabelos encarnados
do último tango em paris³⁵
zanguei natalie f
um nome francês e sardas verdes
xaile nos ombros nus
unhas lilás e preto
e branco e azul ou
saudades de torremolinos
olé!
julie
hospedeira pan-am
fornicava no lençol de flanela
intenso aroma evolava do *chilum*³⁶
alheio um casal de múmias ocidentais
regateava estatuetas falsas
e clapton matava o sheriff³⁷
na esquina em frente um teatro de sombras
big fatty mardej mercadejava *sarongs*³⁸
a pequena dayú comia *babi kecap*³⁹ em molho doce
karen acenava um adeus
até à coroação no nepal⁴⁰

³² saloios da ilha de java.

³³ típico, no pior sentido.

³⁴ Cumprindo a Teoria do Dominó, a norte-americana e sul-vietnamita saigão cairia em 1975 nas mãos dos vietcongues, e estava assediada naquela época da guerra

³⁵ alusão sexual ao filme de marlon brando e maria schneider “o último tango”

³⁶ cachimbo cónico para marijuana

³⁷ Eric Clapton “I shot the sheriff” LP 461 Ocean Boulevard

³⁸ vestido típico, tipo saia indiano e balinês

³⁹ pronunciado bábi ketchup carne de porco frita

⁴⁰ 11 fevereiro 1975, coroação milenária do rei do nepal

X

(e do futuro
uma voz gritava
era assim naquele tempo)
amarelecido retrato
tombou a meus pés
incomodado levantei-me
e saí.

61

le poisson d'avril

abr 1, 1976

(hoje, todos os jornais cumpriram
nem uma só mentira se imprimiu
era a verdade toda
a do sonho não vivido
talvez possível
em letras garrafais

- HOJE DIA NACIONAL DE ENGANOS É LÍCITO DIZER A VERDADE –
proclamava o editorial)

a duas colunas no canto esquerdo
a páginas quinze
era minha a foto e o nome
nem me impressionou!
ri mesmo com despreendimento
negra cruz encimava frontispício
dizeres os do costume
a missa presente no corpo do finado
hora a habitual
na residência
o féretro sairia para jazigo familiar
lembram-se de cada!
(claro que me importei quando o padre disse
que **ELE** me chamara à sua presença)
todos compungidos
choravam rezas e eulogias

vestiam negro
 exceto as flores
 e as palavras vazias
adivinhei um sorriso dissimulado
 nos lábios da viúva
andei por aqui e ali
 ouvindo este e aquele
pediam à minha alma
atormentada mas livre
 que os libertasse
 queriam alívio

disfarcei-me por entre sombrias colunatas
 e fugi.

(ainda hoje me procuram!)

62 |

dia de enganos

abr 1, 1976

nesse dia acordou irritado
 logo por azar estremunhado
notaria a seu lado
 a mulher
 morta há dez anos
os ossos espalhados pela cama
pressupunham
 aqui e além
 um certo descuido
 mas que diabo!

voltou-se para a janela
 tentando adormecer uma vez mais
invariavelmente o fazia em dias como aquele

foi então
 atiraram a bola à vidraça
o quarto ficou estrelado
 mil sóis recortados no ladrilhado
esforçou-se por manter a calma
 ocultou a face no travesseiro

J. Chrys Chrystello

agarrou a almofada
freneticamente
num esgar sensual

ao longe tiniam campainhas
não havia dúvidas
iria ser um dia mau

decidiu-se a folhear o matutino
recusou-se a acreditar

limpou os óculos
estava lá
sem engano possível

em título de caixa alta
em editoriais se consagrava

o sonho supremo da humanidade
por decreto presidencial
dum senhor que ninguém elegera

ia ser promulgada e publicada
no diário da governação
com força institucional

A DEMO-CRA-CIA

em termos mui solenes
o governo advertia

dentro de 24 horas
em cerimónia apropriada
nascia a democracia

e zás! nem quis ligar a televisão
quieto e calado tresleu
era demais!

violento choque!
democraticamente
sem se dar conta
caiu para o lado com um baque surdo

morreu na cama
e em jejum
democrata de nascença.

[e Clarice Lispector dizia
que acreditava em anjos
e porque acreditava eles existiam]

63

gostava de ser poeta

macau, dez 17, 1977

já o disse
e repito

os poetas não têm idade

na descoberta de mundos
mais-que-inventados
medram com a palavra
sempre e só
suicidais experimentações
estéreis agonias

(ah! como eu gostava
de ser poeta
viver outras vidas
utopias).

64

a grande muralha da china

nov 1977

caiu um governo
no meu velho país
não caiu da cadeira
nem de podre
sem sangue
nem golpes
nem revoluções

CAIU DE POBRE

lá dizia Eça e glosa
isto de ser democrata
não paga rendas
nem dízimos
e aqui neste sagrado nome
da cidade
de deus

J. Chrys Chrystello

a mesma paz putrefacta
a corrupção-dos-dias-por-haver
o silêncio-das-vozes-por acordar
esta também
a grande muralha da china
e é um mito.

65 |

os grandes atos heroicos

dez 18, 1977

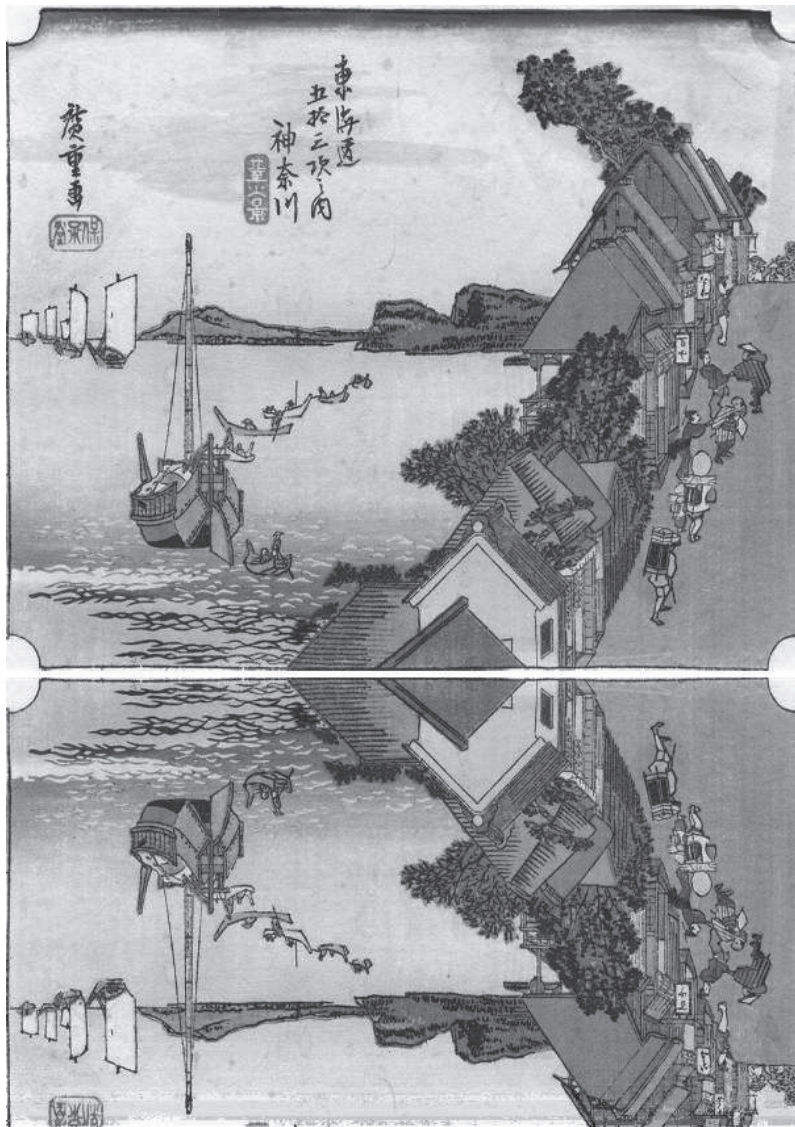
viva
a compostura beatífica
nossos semoventes cadáveres
diariamente
face-a-face
no espelho do alter-ego
e somos
fazemos
dizemos
NÃO!
a grande farsa
o hábito antigo
iludimo-nos em sonhos já usados
pelas ruas
cafés
casas
deambulamos
até na cama
como se fôssemos
outros
tristes robôs de nós mesmos
articulamos a coragem
para dizer basta
para despir a máscara
como quem expõe
a nudez da cobardia

ESTES OS NOVOS GRANDES ATOS HEROICOS

atirar a canga da mentira
dilacerar a putrefação do fingimento
mórbida estupefação
e viver
já é uma sentença
conspiratória
compulsiva
inocentes ambiciosos
liberdades inconquistas
prisioneiros da fome
de ocultar misérias
em gestos lentos
premeditados
socámos o espelho
da nossa imagem
outra.

CAPÍTULO III

MUNDI



oito séculos
história ao desbarato
missionante império
memórias de povo
 sem novas gestas
colonizante cansaço
precoce esquecimento
(multi)raciais sociedades
 para colorir
(pluri)continentais
 para exportar
e um discurso mais

 prisões
 medos
 silêncios

quarenta-e-oito-invernos
 e os infernos?

- HABITO UMA ILHA -

pragmática palavra
hierático sorriso
das crianças suburbanas
nas ruínas de lata
obscura idade do gesto
ódios ignotos
ilhas à deriva
cerca
a fadiga desnuda
- este o uterino vértice -
heréticas noites de silêncio
ignaras letras excitadas
tamanho normal de povo

o som primeiro
impresso
subalterna vida
o bairro
habitante incómodo
do ócio
plasmando a cidade
da fome
dos olhos a sombra
ex/ato
ex/voto
o infólio
no estertor

É URGENTE REINVENTAR A CURVATURA OBSCENA DA GRAVIDEZ
PREENCHER DE FORMAS O VAZIO CORPO (DES)ESPERADO -

a mulher
a televisiva telefonia
amorfa consciência
cercearam
o plano antigo inclinado
 $h^2 = a^2 + b^2$
do quadrado da hipotenusa
relógio imperfeito
ao limiar do ser
cerco do universal enfado
- tranqüidolente marasmo -
mais um dia
deste meu povo
de prazeres sem orgasmo

vulgar objeto
de anestesiar
o pesadelo
irreduzível ascensão
em queda abrupta
a razão inversa
a concêntrica marcha
da geração perdida
o haver
indizíveis cansaços
na nudez proverbial
construtor ingénuo
ou seria de orgasmo sem prazer? -

I. DA EUROPA AO ORIENTE-DO-MEIO, Telavive, set. 19, 1973

alando de paris logo passamos o azur da côte
sem escândalos nem coroas arruinadas
escarpas e praias despidas de homem
nove mil metros restituem à natura
impolutas ficções

(depois, o mediterrâneo é um lago semeado de grécias
logo a seguir à itálica bota
corfu vigia em tons de ocre
em tempos creta foi nome de ilha
na mitologia de zeus)

da turca ankara sobrevoámos izmir
mandam-nos regressar
estamos no oriente-do-meio
a guerra volta dentro de dez dias
e só dura seis

telavive é um amontoar branco de colinas
um algarve deslocado
na planície árida velhos aerodespojos
entram comandos autometralhadorizados
importunam
espiam
revistam

obrigados e silentes
somos a abrasadora quietude do jumbo
partiremos
sempre mais tarde que previsto
no deserto amarelecido qual alentejo
repousam monstros de muitas lutas
nos kibbutz labutam formigantes sionistas

- este povo traz consigo o estigma
da aniquilação
própria e alheia
cheira a morte -

II. A TERRA DOS PERSAS, Teerão, set. 19, 1973

embaixo sorriem sombras
minúsculos pontos rasgando a treva
quilómetros de fantasmas ancestrais
casas talvez brancas
 bairros de adobe

avenidas ocidentais
 mesquitas
na poeira do cansaço
 um nome semimágico

teerão
a história do xá
 um povo sem voz
 à espera
o silêncio compungido do imperialismo
aterrámos lado a lado com estrelas ianques
estranho porto no coração do petróleo
persépolis foi há 2500 anos
 o mito de alexandre
 hoje

III. INDIANA UNIÃO, Nova Delhi, set. 19, 1973

a meu lado um saxónico cacareja
o nojo imenso da miséria
 suja imundície
estamos em delhi, a nova
 capital das castas
ghandi morreu há muito e era mahtma
indira é mulher e déspota ao que dizem
país estranho de contrastes e civilizações
dele guardo esconsas imagens
 fome e pobreza
estamos no subcontinente da morte lenta
aliviado respiro
 ao deixar o hindustão

J. Chrys Chrystello

IV. NO REINO DO SIÃO, Banguécoque, set. 20, 1973

é já dia
os arrozais me espreitam
verde o país
castanho é banguécoque
em plena pista búfalos pachorrentos
a banhos de lama
camponeses debruçados
nos pântanos colhem o arroz
pequenas árvores dividem o asfalto

chove lá fora
sob 42° C de sol
lufadas de calor húmido nos penetram

densa respiração no ar por condicionar
lentas formalidades num inglês arrevesado
a vida possui aqui uma lenta ritmia
todo o tempo nos espera
nas autoestradas camionetas com jovens
patrulhas militares

todos os veículos se cruzam dos lados todos
coloridos templos incrustados de pedrarias
ouro maciço de budas
descalços com cintos sagrados
nos embasbacámos

este o país do mistério
igrejas e fortes portugueses
memórias de tratados reais siameses e lusitanos
o mercado flutuante é uma cidade imensa
longos canais pútridos nesta veneza oriental
sente-se o aroma do dólar nas ruas
por entre golpes de estado adiados

a cem quilómetros se combate
é o apelo do futuro

os thais são simpáticos e ardilosos
milhares de anos de sabedoria a explorarem europeus
os preços função da nacionalidade
no faustoso erawan hotel
o luxo grandiloquente oriental
a sofisticada comodidade do ocidente
uma volta rápida pela cidade dos mil-e-um-templos

para lá das faces mudas
se encerra
o mistério
o convite
voltarei um dia.

69 | para que não digam
25 set 1974

*ao cirurgião dr. buceta martins,
fascista dos antigos, na direita o fásccio,
na esquerda o chicote,
o sorriso no gatilho, mártir da democracia)*

para que não digam
a mordaça acabou
a voz é livre
o futuro é novo
pintaremos o silêncio
que nos impõem
calaremos os sonhos
dos jornais que lemos
sabemos nossa a vitória final
ou talvez não
aqui timor
aqui dili
o fásccio perene fidedigno
este o mundo sem denúncia
porque o medo sem progresso
porque o interesse sem abril
porque os cravos murcham
nas estrelas da rosa-cruz
esta a terra dos parasitas
exilados das grandes batalhas
aqui o poder discricionário
a passiva repressão
uma-a-uma todas as vozes
silenciadas

71

tufão

macau, jun 27, 1977

vês tu
 angie dear

é um tufão
 e se aproxima

o mundo acontece sempre lá fora

as revoluções dão-se apenas
 em cada um
 de nós.

72

porque jovens

bali, dez 3, 1974

eram jovens
 por isso partiam
nas mãos os cravos
nos lábios mil sangues
 por florescer
os corpos amadureciam quando matavam
 pilhavam
 violavam

era o fogo das balas
 as granadas
 o napalm
 a carne para canhões

porque jovens
 cantavam impolutos
e as mãos decepavam
a saudade desilusionada

irmãos todos
fratricidas
o papão fantoche do governo
lhes ensinara o decálogo de guerra
indesejada
porque jovens
partiam obrigados
nos sonhos
armada a verdade
vulcões por semear
sangravam campos
estiolavam
eram os braços emigrados
era a fome
eram soldados
era o povo
porque soldados e povo
partiam
levavam ódios insentidos
cumpriam destinos alheados
nos lábios as palavras
e eram amor
o alfabeto dos oprimidos
para uso interior
lá onde os regulamentos não mandam
pelo caminho
as armas eram a voz e a bandeira
o povo sorria às palavras
libertado caminhava
no braço armado do povo.

vinham de longe
do desespero
 acalentavam a esperança
incrédulos chegaram
 temerosos
altivos cresciam
 com o tempo
impantes já e esquecidos
 mas conquistadores
donos deste e do mundo outro
intolerantes viviam
 ambiciosos se tornaram
ano após ano
 se compravam
 se vendiam
eles
os grandes colonos do mito
à boca de cena nasciam
 e era normal
vinham em bandos
 como pragas que eram
 sugavam e partiam.

no imortal lenho ardente

sarças

sardas

e garças

pardas
bardos

bastardos

farsas

tardas
fardas

persas

guardas
perdas

raça
mordaça
graça

dada
achada
mirrada

narças

nardas

e
negaças

abraços
palhaços
bagaços
sargaços.

VOL. 5

(2010-2012)
j. chrys chrystello

J. CHRYS CHRYSTELLO

40 ANOS de
vida literária

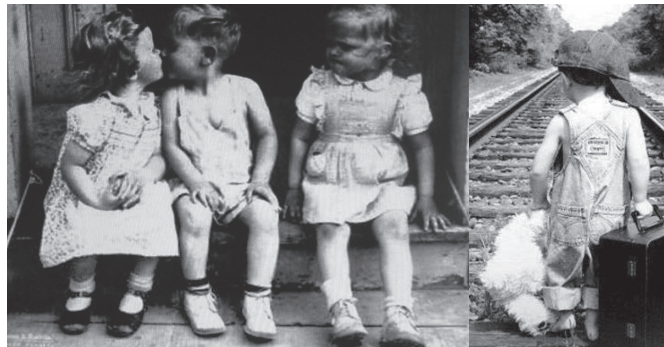


CRÓNICA DO
QUOTIDIANO
INÚTIL



CAPÍTULO I

PLANETA CHRYS



maria nobody
de todos ninguém

de alguém
de um só
maria nobody
com body de jovem

maria só minha
assim te sonho
assim te habito

maria nobody
de todos ninguém

maria nobody
mãe
amante
mulher
minha maria

maria nobody
de todos ninguém
nem sabes a riqueza
que a gente tem

maria nobody
de todos ninguém

maria só minha
dos filhos também
maria nobody
mais ninguém tem.

79 | na varanda 1 (à mikinhas),
estrela do atlântico, horta, ago 12, 2011

partiste e deixaste
o travo amargo da tua boca
no ar evolava a lembrança
teu corpo
teus beijos
teu perfume
teus contornos delicados

ficaram suspensas as palavras
balões de banda desenhada
à espera do beijo do artista

o quarto era um laboratório
de sentimentos
cheiros
cores
como a paleta de um pintor
que se levanta e vai
desenhar telas nas nuvens

na almofada a memória
dos teus cabelos
da tua cabeça
deixava antever os sonhos
no suor da tua camisa
e um leve cheiro a coco
era verão
fazia calor
lençóis caídos no chão
roupa esparramada pelos cantos
e a mala aberta

sabia que voltarias
e sentei-me na varanda
a escrever esta súplica

J. Chrys Chrystello

quero repetir
o batismo dos corpos
escalar teus cumes
teus montes de diáfana vénus
a minha
fantasia
utopia
ilusão
puro idílio.

80

na varanda 2 (à mikinhas)

estrela do atlântico, horta, ago 12, 2011

os diáfanos véus
pendiam na janela
na porta
nas paredes
translúcidos e transparentes
com eles vesti teu corpo nu
saías das 1001 noites
e era ainda dia
motivos indianos em volta
e hieróglifos nas tuas palavras
teu corpo jovem e bronzeado
teu rosto trigueiro
tuas ancas tisonadas
eram o passaporte para o lado de lá
sem aduanas nem salvo-condutos
teu corpo de menina catita
era a fronteira do desejo
irreprimido
irreprimível
mantinhas o cheiro a maresia
nas ondas dos teus cabelos
tinhas algas nos dedos
sargaços de mil enleios
tentáculos de quentes beijos
tuas mãos desenhavam a minha geografia

e as unhas imitavam nova caligrafia
traçavas o meu mapa mundi
munchi⁴¹ e hundi
mundo profundo
ignoto e ignaro

adormeci ao teu colo
sonhei no teu quente regaço
embalei-me nas ondas de teus seios
também tu eras mar

assim,
fui cidadão do teu mundo
nele fiquei

para sempre
órfão de todas as pátrias
refém de toda a tua volúpia.

⁴¹ Munchi é professor ou educador (Persa); hundi é ordem de pagamento a certa pessoa nomeada

o pássaro descreve o seu voo
na senoide deste tempo
a voz e a palavra são campos floridos
evocam verdes infâncias

é preciso inventar o amor
com caráter de urgência
dizia Daniel Felipe
mas são precisos homens e mulheres
dispostos a amar
capazes de ouvir e perdoar

os sentimentos podem esfriar
mas não se gastam
nem devem ser mudados
com a frequência das camisas
não são fraldas descartáveis
precisam de ser regados
com a humidade das neblinas
e o orvalho das lágrimas

neste deserto com vozes
a felicidade é um mito
o mundo é um inferno
a paixão uma utopia
e tu acreditas, meu amor?

andam
- de novo -
pássaros à solta nos jardins de Eros.

pirata sem cara de mau
(17 anos de casados)

82

mar 27, 2012

desenhaste amor com traços lentos
no quadro negro de alvo giz
na aula só eu prestava atenção
seguia os traços como quem segue
os contornos do teu corpo
montes, vales e rios
como se foras um mapa
eu era o oceano
tu eras a terra firme
lancei âncoras e amarras
este era meu porto seguro
encontraste-me no bar de chegada
prometias girassóis
campos de feno a ondular
caminhavas leve e trigueira

ainda hoje me procuram
gritaram homem ao mar
quando era marinheiro em terra

vogo nas tuas ondas e marés
desfraldei a bandeira de corsário
aprimosamos tesouros infindos
fomos piratas de um amor só

CAPÍTULO II

PLANETA MACAU



S RAÇĂ AN W S NJUN 1 77

aqui não é a face oculta da lua
nem marte planeta vermelho
1627 marca a data
no templo de kun iam tong
um começo budista no delta
do rio das pérolas

aqui se celebrou em 1844
o tratado sino americano de mong ha
à sombra da árvore dos amantes
sob o testemunho dos 3 budas preciosos
e a bênção do buda da longevidade e kun iam

aqui acendi o meu incenso
fiz preces em 1977
repeti rezas em 2011
na esperança fundada
de os deuses estarem comigo

há momentos espirituais mágicos
este o partilhamos
com lusófonos amadores de cultos orientais
perambulando por entre crentes devotos

atordoados pelo intenso aroma
envoltos na mística exótica
como camilo pessanha ou camões
aprendizes da galiza, bulgária, alemanha,
de moçambique, açores, canadá e brasil
e tantos outros países
todos supersticiosamente crentes

os cristãos partiram santamente
com sacros sacos de incenso
para acenderem em altar devoto
a n. sra. de fátima à santa da ladeira
ou em romagens ao santo cristo

em coloane visitaram tin hau
templo da deusa dos céus
de kuan tai (deus da guerra e das riquezas),
de lu ban (deus dos carpinteiros),

J. Chrys Chrystello

de choi bak (deus da riqueza)
de hua tuo (deus da medicina)
todos guardados por leões

passaram pela igreja
de s francisco xavier
com a tradicional imagem
uma deusa chinesa segurando um bebé
sinoversão da virgem maria
ponte intercultural do oriente e ocidente

embebecidos na gruta de camões
ouviram poemas ao vivo
em fundo de dança tai-chi
uníssonos com a concha e o vasco
dissonantes com o chrys e luciano
fazia calor e estava húmido
como já nem se lembravam

depois, foram em preito
a a-má, deusa do céu
em templo miscigenado
de tao, confúcio e buda

a tian hou deusa dos navegantes
preitearam no pavilhão das orações
ou primeiro palácio da montanha sagrada

não deitaram panchões
não dançaram a dança do dragão
receberam lai-si fora de época

banquetes de nunca acabar
comida de não perguntar
debateram-se com fai chi
até pedir faca e garfo

para quem lá viveu e sonhou
jamais sonhando regressar
ver macau nova e pujante
foi alegria insuspeitada
dita por chineses em lusa voz

aqui deixo a promessa
perdoa-me
quero voltar.

85

o buda

lomba da maia, mai 5, 2011

o buda sorriu à minha mulher
descrente de orientes
e ela acreditou

queimou incenso e orou

quem sabe
se a saúde cura
e a vida prospera

serena e sarada aguarda
que o buda sorria de novo.

86

leonor séc. XXI, sem verdura nem frescura

na gruta de camões, lomba da maia, nov 16, 2011

Luís Vaz de Camões

Descalça vai para a fonte
Leonor pela verdura;
Vai fermosa, e não segura
Leva na cabeça o pote,

O testo nas mãos de prata,
Cinta de fina escarlata,
Sainho de chamelete;
Traz a vasquinha de cote,
Mais branca que a neve pura
Vai fermosa e não segura

Descobre a touca a garganta,
Cabelos de ouro entrançado
Fita de cor de encarnado,
Tão linda que o mundo espanta
Chove nela graça tanta,
Que dá graça à fermosura
Vai fermosa e não segura

Chrys Vale Tostões

Descalça vai para a farra
Leonor pela noitinha
Vai ganzada de ecstasy e coca pura
Leva preservativo na calcinha

Pílula do dia seguinte na bolsinha
Tanga de fina seda encarnada
Minissaia de cabedal rascote
Não usa sutiã no decote
A pele branca que nem coca pura
Vai ganzada pela droga dura

Cantarola já rouca a garganta
Cabelo anil desguedelhado
Bandolete china de plástico usado
Tão pedrada que a todos espanta
Chuta o crack de graça tanta
Que dá graça à pouca gordura
Vai ganzada de ecstasy e coca pura

CAPÍTULO III

PLANETA TIMOR



P N RAD MAR AR DA MMADR A O A A O N M O 1

timor cresceu cercado
lendas que a distância empolgou
o sonho
a quietude
as 1001 noites do oriente exótico
o sortilégio dos trópicos
para o europeu
chegar era já desilusão
desprevenido
sobrevoa estéril ilha
montes e pedras
agreste paisagem sulcada
leitos secos
abruptas escarpas
terra sem marca de homem
esparsas cabanas de colmo
será isto timor?
o avião desce o vazio em círculos
em vão os olhos buscam a pista
por trás de um montículo imprevisto
se vislumbra o “T”
a torre de controlo dos folhetos de propaganda
nunca existiu assim
a alfândega é o bar
a sala de espera
sob o zinco e o colmo
isto é baucau
aeroporto internacional
a vila salazar dos compêndios
que a história esqueceu
uma turba estranha se amontoa
à chegada do *cacatua-bote*⁴²
o *patas-de-aço*
esta a cerimónia sagrada do deus estrangeiro
descendo dos céus
dia de festa para os trajés multicoloridos
o contraste do castanho de sóis pigmentados
cinco da matina
e é já o pó e o calor

⁴² *cacatua-bote* ou *patas-de-aço* eram designações dadas pelos timorenses aos aviões

o espanto mudo nas bocas incrédulas
as formalidades aqui com sabor novo
espera lenta e compassada
séculos de futuro por viver
antes que ele venha
antes não venha

num barracão zincado
uma velha bedford
de carga com caixa fechada
vidros de plástico sob o toldo puído
pomposo dístico colonial
carreira pública baucau-dili

picada em terreno plano
mar ao fundo

baucau
cidade menina por entre palmares
densa vegetação tropical
conosco se cruzam estranhos homens de *lipa*⁴³
galo de combate ao colo
entre torsos e braços nus

das ruínas do mercado se evocam
desconhecidos templos romanos

estrada nº 1 até dili
sulcam-se abruptas as encostas
ao mar sobranceiras
ali se adivinham cristais multicolores

em lugar de pontes se atravessam ribeiras
enormes
leitos secos

o tempo as converteu em estradas de ocasião
pedregoso solo
cores indefinidas
castanhos e verdes
*palapas*⁴⁴ dissimuladas na paisagem
imagens tristes de pedras e montes

baías primitivas
inconquistas
praias de despojos e conchas
paraísos insuspeitos
nos subões

⁴³ lipa, saia de tecido colorido, típica, de origem malaia, os timorenses usam-na enrolada à cintura descendo até aos tornozelos.

⁴⁴ casas cónicas, quadradas ou retangulares em colmo

J. Chrys Chrystello

gentes de sorrisos vermelhos
assusto-me
não é sangue nas bocas gengivadas
masca, mescla de cal viva e *harecan*⁴⁵
placebo psicológico da alimentação que falta
um sorriso encarnado esconde a fome
súbito
por paisagens que só a memória
sem palavras descreverá
eis dili
a capital
larguíssima avenida semeando o pó nas palapas
casas de pedra com telhados de zinco
na ponta leste chinas e timores
partilham a promiscuidade da pobreza
dili
plana e longa
a vasta baía antevendo imponente
o ataúro ilha
um porto incipiente
a marginal desagua no farol
construções coloniais pós 1945
da guerra que ninguém quis
dos mortos que os japoneses quiseram
da neutralidade do país mãe
calado e violado
albergam chefes de serviço
altas patentes militares
sem guerras para lutar
sem movimentos libertadores das gentes
quinze quilómetros de asfalto
três casas dantes da guerra grande
aeródromo em terra batida
um jipe de afugenta búfalo
a rua comercial atravessa dili senhora
de leste a oeste
espinha dorsal
o centro
o palácio das repartições
o do governo
perto um museu
o seu nome ostenta o vazio

⁴⁵ folha de planta semelhante à do tabaco

riquezas sem fim
seus governadores exportaram
patriotas
colonizadores de séculos com nada para mostrar
um museu morto
dois sinaleiros nas horas de ponta

mandriões às portas dos cafés
- o ócio é o melhor emprego -
à noite transfiguram-se
os *bas-fond*
o texas bar
da prostituição às *slot machines*

o submundo
a vida underground

afogar esperanças em álcool
sonhos há muito perdidos nunca sonhados

restaurantes poucos
melhor comida a chinesa
bares espalhados pela cidade
militares e álcool
para calar distâncias

um portugal dos pequeninos
longínquo
cada vez mais
esquecido
nunca perdido

1973 numa cidade sem vida
morrendo nas cinzas próprias de cada noite
por entre o silêncio e a voz triste dos *tokés*⁴⁶

o calor putrefacto
por entre o voo alado das baratas gigantes

carros poucos
de dia só do estado
motocicletas pululam por entre viaturas oficialmente pretas e verdes
esperando mulheres de oficiais
às portas dos cabeleireiros
ou do liceu

militares a pé
em berliets ou unimogs
chineses muitos

⁴⁶ espécie de lagarto sonoro, cuja idade se determinava pelo número de vezes que emitia o som *toké*.

dili é isto
a desolação
na parte alta da cidade
o complexo militar
barracas insalubres
sob a sombra dos hospitais
um civil um militar
fresco e verdejante vale

triste esta cidade
pretensamente euro-africana
palapas marginando ruas
nelas vive o timor
sem água nem luz

dez ou quinze filhos
que importa
a miséria é só uma e a mesma?
(josué de castro, o ciclo do caranguejo)

esta “a terra que o sol em nascendo vê primeiro”
aqui as imagens
e são já história
não se repetirão

aqui não daremos testemunho
como transfigurar
colónias pacíficas
em palcos de guerra.

a colina à esquerda ergue-se mansamente
sem pressas
caminha do mar
reproduz-se altiva
pico agreste
me vigia
não há vegetação
nem sinais de gente
(terá emigrado daqui a seiva?)
as rochas puras ainda
primitivas
nascituras
erguidas por ciclópicas mãos
do fundo dos mares
quedaram-se ostensivas
desafio de nuvens eternas
arbustos pequenos
insignificantes como as gentes
misturados na paisagem
espraia-se na vastidão o olhar
(começa em mim)
e só montes
pedras
horizonte
e eu aqui fechado
cercado
ilha de mim próprio
o vale profundo
(talvez abismo, talvez acusação)
resisto
diviso emaranhado das brumas
ciscos amarelos
(segredam-me são casas de gente)

ENTÃO PARTO

sem hesitar cavalgo
pedras
ribeiros
encostas

J. Chrys Chrystello

subo
 desço
 torno a subir e nada destrinço
insensível à rude beleza
atinjo inóspito cume
 estranhamente plano
nele plantaram casas
 cinco
 seis
uma ao centro
 *lulic*⁴⁷ dizem-me
baixo-me e entro
teto erguido a pique
muro de pedra a tocar baixo sobrado
térreo madeirame trabalhado segue as vigas
 quadros sacros
 sol
 elementos
 animais
no andar elevadiço
 um lar entesourado em morada última
assusto-me
 em volta ósseas relíquias
cheiro imenso a fumigação
saio
 respiro ar puro
 sacrossanto
 das montanhas cercanias
uma laje quadrada
uma placa ereta
 tipo tumular
flores murchas e perdidas
casas sem muros
no andar térreo
 animais se abrigam
por cima pessoas
 alojadas
 deitadas
 a nascer
 a cozinhar
 a comer
 a dormir
 a morrer

⁴⁷ Lulic = sagrado

como romper as palavras?
o som e o lamento do ai-tassi
sagrado lenho

em ti se moldaram
faces e rugas milenárias
caminhos de teto do mundo
nas mãos vazias viaja o passaporte
para que não sucumbas hoje
há muitas mortes nos amanhãs

teus pés ligeiros voam vinte quilómetros
o cacho solitário que colheste
bananas com que não matas as fomes
enganas *malai* com parco lucro
escudo *lima*⁵⁰

e teu rosto infantil e puro
sorria
vendeste a sobrevivência duma semana

caminhas curvado e galgas montanhas
teus os reinos de Railaco e TataMaiLau⁵¹
por isso retornas e teu sorriso é jovem
na cal e harecan misturas o prazer e o engano
também teu estômago sorri confiante
também tua a linguagem do corpo
no regresso de braços dolentes

firme em teu braço direito
o teu combate de penas
pobre mercador de ilusões em galos de luta
acaricias teu ganha-pão
teu desporto
e apostas
mais
sempre mais

são tuas as lágrimas
a revolta e a derrota

⁵⁰ o equivalente a cinco escudos em moeda de timor

⁵¹ picos mais altos de timor, rondando os 3 mil metros de altitude

J. Chrys Chrystello

corri para ele
inspirou-me medo
fez um gesto vago
um arremedo
a suster-me
estaquei na distância
nem um pássaro riscava a muda quietude do céu
tremi
como se de súbito
me penetrassem
as respostas todas
virei costas
corri
corri
corri
e aqui estou hoje
a dar-vos conta
do que assisti
eu vi-os
de olhar gasto e gestos caídos
vinham com neves eternas nos cabelos
enxada às costas
vergados ao peso de séculos
maltrapilhos
descalços
rotos
bronzeados por sóis perdidos
na memória dos tempos
uma grande fome para contar
e o silêncio sem fim
de todas as solidões
falei-lhes
acenaram sem se deterem
cadência de autómatos
sem vontade
explicaram por gestos
o que presumi sorriso
onde só havia gengivas descarnadas
informes
perguntei
donde vinham
de que estranha guerra
sobreviviam

sem abrandarem a insólita marcha
puxaram da bia sem idade
acenderam-na na concha dos dedos recurvos
suspiraram
fundo
como jamais ouvira
era um sopro indefinido
murmurado
amargo
entretanto havíamos chegado
povoado estranho
sem gente
nem cães
ladrando em redor
casas singulares
elevações de colmos
suspensas de estacas
mudas
sem janelas
nem portas
um silêncio velho de morte
imperioso
deixar a alma
deste ritmo
parar
deixar o instante
deste tempo
renascer
eterno
esta a proposta
inicial
iniciática
até lá, como?

dili 23 setembro 1973
cheguei hoje a timor português
a vinda marcará a minha vida para sempre
sem o saber nunca mais nada será igual
o futuro começa hoje e aqui
entrei no tempo da ditadura
sairei na democracia adiada

na bagagem guardo sabores,
imagens e odores
sonhos de pátria e amores
divórcios e outras dores

cheguei sem bandeiras nem causas
parti rebelde revolucionário
tinha uma voz e usei-a
tinha pena e escrevi sem parar
pari mais livros que filhos
para bi-beres e mauberes

48 anos de longo inverno da ditadura
24 de luta independentista
agora que a lois vai cheia
e não se passa na seissal
já maromác se apaziguou
crescem os lafaek nos areais
perdida a riqueza do ai-tassi
gorada a saga do café
resta o ouro negro
para encher bolsos corruptos
sem matar a fome ao timor

perdido nas montanhas
sem luz, água ou telefone
repetindo gestos seculares
mascando sempre mascando
o placebo de cal e harecan
mas com direito a voto
para escolher quem o vai explorar
sob a capa diáfana da lei e ordem
do cristianismo animista

oprimido sim mas enfim livre.

eu queria ser toké e contar o que vi
desde que partiste em 1975
queria saber falar
dar os nomes os locais e os atos
de todas as atrocidades, violência e mortes
que testemunhei mudo na minha parede

eu queria ser toké e escrever tudo
queria contar o que não querem que se saiba
queria contar o que não queriam que se visse
queria contar os gritos que ninguém ouviu

queria ser água e apagar os fogos
que extinguíram a nossa história
como se não fora possível reconstruí-la

queria ser pássaro e levar nas asas
todos os que foram chacinados
violados, torturados e obnubilados
voar com as crianças que morreram de fome
as mulheres tornadas estéreis

tanta coisa que queria dar-te timor
e não posso senão escrever palavras
lembrar teu passado heroico
sonhar futuros ao teu lado

era maio em 1975
havia luar na areia branca
sem ondas na ressaca
caranguejos azuis na fina areia
baratas voadoras à frente dos faróis
eram pequenos os lafaek⁵⁴ e raros
quase se ouviam os corais a falar

ao longe sem luzes em dili
o escuro dos montes
entre nós e o ataúro
deslizavam barcos espiões
antecipavam a komodo
ensaiavam invasões

corri a alertar
ninguém quis ouvir
escrevi e denunciei
chamaram-me alucinado

nunca imaginei o genocídio

⁵⁴ crocodilo

queria subir ao tatamailau
pairar sobre as nuvens
das guerras, do ódio, das tribos
alar a língua franca
para todos os timores

queria subir ao matebian
ouvir o choro dos mortos
carpir os heróis esquecidos

queria subir ao cailaco e ao railaco
consolar as vítimas de liquiçá
beber o café de ermera
reconstruir o picadeiro em bobonaro
tomar banho no marobo
ir à missa no suai
buscar as joias da rainha de covalima
passar a fronteira e voltar
chorar todos os conhecidos e os outros
e quando as lágrimas secassem
regressaria à minha palapa imaginária
à mulher mais que inventada
oferecer-lhe um pente de moedas de prata
percorrer as suas ribeiras e vales
sussurrar por entre as folhas do arvoredado
navegar nos seus beiros
rumar ao ataúro e ao jaco
desfrutar a paz e as belezas ancestrais
ouvir os tokés enquanto as baratas aladas voam
os insetos projetados contra as janelas
atraídos pela luz do petromax

a infância e a juventude são como uma bebedeira
todos se lembram menos tu

confesso sem vergonha nem temores
hoje os olhos transbordaram
lágrimas em cascata como diques
pior que a lois quando chove

o coração bateu impiedoso
os olhos turvos a mente clara
as mãos trémulas de impotência

nas covas e nas valas comuns
muitos se agitaram com a morte gratuita
mais um casal de pais órfão
mais um filho varado às balas
sem razões nem justificações

poucas vozes serenas se ouviram
velhos ódios, vinganças acicatadas
o povo dividido como em 1975

sem alguém capaz de congregar o povo
sem alguém capaz de governar para todos
sem alguém acima de agendas pessoais
sem alguém acima de partidos

temos de ultrapassar agosto 75
udt e fretilin
a invasão indonésia e o genocídio
faça-se ou não justiça

é urgente um passo em frente
é urgente alguém com visão
um sonhador, um utópico
um poeta como Xanana já foi
alguém que ame timor
mais do que ama suas crenças
mais do que ama suas ideias
mais do que ama sua família

talvez mesmo uma mulher
sensível e meiga
olhar almendrado
pele tisonada
capaz de amar
impulsiva para acreditar
liberta de injustiças passadas
solta de ódios, vinganças e outras
capaz de depor as armas
todas
e liderar.

CAPÍTULO IV

PLANETA GALIZA



partir (à concha rousia e a uma
galiza lusófona)

96

lomba da maia, fev 13, 2011

partir!
cortar amarras
como se ficar fosse já um naufrágio
ficar
como quem parte nunca
partir
como quem fica nas asas do tempo
ficar
como se viver fosse uma morte adiada
partir!
cortar amarras
cortar grilhetas
vencer ameias
velas ao vento
olhar o mundo
descobrir liberdades
esta a mensagem
levar o desespero ao limiar
até erguer a voz
sem medos
até rasgar as pedras
e o ventre úbere
semear desencanto
sorrir à grande utopia
nascer
- de novo -
dar o salto
transpor a fronteira
entre o ter e o ser
imaginar
como só os loucos sabem

e então chegaste
com primaveras nos dedos
e liberdade por nome
loucas promessas insinuavas

despontaste
como quem acorda horizontes perdidos
demos as mãos
sabor de início do mundo
pendão das palavras por dizer
esta a revolução
minha bandeira por desfraldar.

97 |

lendas da minha galiza

lomba da maia, dez 11, 2011

Galiza és tão especial
quando sorris
por que não sorris sempre?

Galiza és tão bela
quando escarneces
com gargalhadas cristalinas
por que não ris sempre?

Galiza és tão enamorada
quando falas e cicias
por que não tagarelas sempre?

no monte das Ánimas
na era dos Templários
os cervos eram livres
e os servos escravos

do poço no meu eido
transbordam palavras
dele sorvo inspiração
amores e mouras encantadas

lá aprendi a história de Ith
filho de Breogán
indo à Torre de Hércules
seduzir Eirin a Verde
este conto queda silente
na memória dos velhos
já não o aprendem os nenos

li em livros vetustos
o sumiço das Cassitérides
eram cativos os Ártabros
nas forjas de estanho
não encontrei os mapas
no meu poço seco e definhado
nem um fio de água
sem pardais nas árvores
nem flores no jardim
senti o coração trespassado
as lágrimas minguaram
jamais haveria fadas ou sereias
cronópios e polinópios

fui penar ao cimo do monte
atopei umas Meigas
a dançar com o Dianho
também vi o Chupacabras
estandarte de Castela

sem medo de travessuras de Tragos
nem Marimanta ou Dama de Castro
sem temor da Santa Companhia
nem do Nubeiro vagueando
entre tempestades e tormentas
juntei ferraduras, alho e sal
colares de conchas e tesouras abertas
esconjurei meigas castelhanas
que me salve o burro farinheiro
ou o banho santo em Lanzada⁵⁵

⁵⁵ (Sansenxo)

visitei Santo Andrés de Teixido
duas vezes de morto
que não o visitei uma de vivo
desci a Ribadavia
alí nasce o Minho
que ora passa caladinho
para não despertar os meninos

sigo caminhando
busco a moura fiandeira
um dia virá o eco
e brotará água do meu poço
escreverei os versos e serão mágicos
afincado no chão
erguerei a tua flâmula
no poste mais alto e cantarei
Galiza livre sempre.

para ti não há música nem dança
apenas as artes marciais
guerrilheira de montes e vales
urdidora de emboscadas

sob a copa das amplas árvores
brandes teu gládio de palavras suaves
não usas as falas do inimigo
vingas a dor de seres galega

a montanha tu a herdaste sozinha
prehada de mar na ilha dos nossos
o povo desaparecido da Rousia aldeia
esse recanto insuspeito ao virar da raia
onde fui a férias em 2005 sem te saber
eu que nasci galego do sul
sendo galego de Celanova

apartado de meus irmãos e irmãs
vivi séculos de história ao desbarato
distavam mares que nunca navegámos
montes que nunca escalámos
estrelas que jamais enxergámos

até um dia em que surgiste
vestias azul e branco orlada a ouro
estandarte do nosso reino
ciciavas liberdades por atingir
sonhos por realizar
brandias a tua utopia
numa mesma lusofonia.

viver numa ilha é prisão
sair dela é impossível
nem a velocidade da chita
nem a força do elefante
nem o mergulho do cachalote

viver numa ilha é prisão
inúteis os passaportes
ou vistos consulares
não basta saber nadar

viver na Galiza é prisão
sair é possível
não expulsa carcereiros
não abate as grades
não liberta do cativo

viver nesta ilha é prisão
mas nas árvores de NottinGhaliza
há sempre uma Concha dos Bosques
ou um Ângelo Merlim
um Joám Pequeno Evans Pim
um frei Tuck Montero Santalha
e seu bando de lusofalantes
manejando o arco como António Gil
a invencível besta da lusofonia.

genevieve era nome de mulher
em restaurante japonês
no meio de chinatown

sorrisos largos e astutos
mansos como o rio minho
olhos profundos amendoados
como o canon do sil
prometia ribeiras sacras
seios amplos acolhedores
como as rias baixas

genoveva da galiza
amazona em sidney
um pai na argentina
uma mãe em paris
com saudades de arousa
servia sushi com saké
...
minhas loucas bebedeiras em galego.

101 | galiza como hiroshima mon amour,
NOV 12, 2011

acordaste
 e ouviste o teu hino
estandarte desfraldado
 ao vento
 ao intrépido som
 das armas de breogán
amor da terra verde,
 da viçosa terra nossa,
à nobre Lusitânia
 estendes os braços amigos,
despertas do teu sono
 agarras nos irmãos
caminhas pelas estradas
 ergues bem alto a voz
 dizes a quem te ouve quem és
orgulhosa, vetusta e ativa
 indomada criatura
nenhum poder te subjugará
nenhum exército te conquistará
nenhuma lei te aniquilará

és a Galiza *mon amour*.

CAPÍTULO V

PLANETA AÇORES



a ilha
que ilha?

quilha
a ilha

parto num parto precoce
náufrago em terra
açores à vista

as lhas
– que ilhas?

nascidas do fogo
enterradas por vulcões
tremidos

tremuras

ternuras atlânticas

atlântidas

ilhas cativas

no tempo e no espaço

perdidas nas brumas

no basalto e na lava

piratas

corsários

aprisionam poetas

geram autores

concebem amores

ritos e crenças

benzeduras

contra doenças e maleitas

há momentos como este
que deviam ficar eternos

parados no tempo

como uma fotografia

tudo pela ilha

tudo pelas ilhas

obrigado Vasco

por desvendares

nossos mares.

tanto mar
e não cabem nele
os teus fogos ocultos
sobre ripas e sobre rimas

tanto mar
e nele flutua
a tua prosa
entre nuvens escreves
pairando sobre as ilhas

tanto mar
tanta montanha
vulcões por trepar
maroiços por construir
baleias por capturar

tanto mar
oceanos e terra
te deram vida
sustento
inspiração

arpoas as palavras
no teu pequeno bote
prenúncio de liberdades
cravos e rosas
espinhos
espigas

a tua escrita mergulha
a pique na fossa abissal
e soergue-se altiva
da prainha do pico
à heroica angra
ao choupal das letras
pescador de palavras
lavrador de poemas

J. Chrys Chrystello

nas tuas letras
 cabe tanto mar
e nelas não cabem
 teus livros por acabar.

104

açores 1

out 17, 2011

no início era o fogo
 e se fez verbo
vieram os abalos
 e se edificaram ilhas
surgiram as naus
 brotaram pássaros e árvores
 sob o olhar atento dos milhafres
 a que chamaram açores
arribaram carneiros e cabras,
 porcos e galinhas
 gentes e corsários
a terra insolente
 insilenciada
vómito de magma
apouca vilas e aldeias
 a que chamam freguesias
depois do fogo e sismos,
 veio a fé
templos, romarias,
procissões e devoções
tementes a deus
não calavam a lava que chovia
nem os chãos que tremiam
vinham tufões e inundações
crescia a fome humilhante
comiam socas, raízes, pão de jarro

fiéis, famintos e temerosos
alvoravam em debandada
 acartando nacos de terra no bornal
 colonizando havais, américas e brasis
 criando nações miscigenando povos

204

sempre crentes
leais
fiéis
saudosos do verde
das vacas
dos picos

ora libertos de feudais grilhetas
perpetuam mitos
impérvios ao progresso.

vieram os deuses
plantaram ínsulas
uma ilha-mãe,
outra marilha,
a ilha menina
a ilha-filha
a ilha branca, a azul
a verde, a lilás,
castanha e cinzenta
amarela, rosa e preta
nove irmãs
filhas de poseidon e de afrodite
nascidas da espuma do mar
onde dantes havia água

nos montes verdes
cuspam fogo rugiam dragões
tremiam os chãos secavam ribeiras
vomitavam magma choviam trovões
de thor filho de odin
olvidado das gentes e animais

pobres escravos e colonos
amanhadores de rochas e fomes
desbravadores de mínguas
crentes e temerosos
orando promessas seculares

J. Chrys Chrystello

criam no destino mas sabiam-se culpados
ainda hoje penam
com liberdades que não pagam dízimos
votam com os pés da emigração
a libertação de todas as cangas
mas voltam sempre
romeiros em promessas várias
açorianos até ao tutano

sem alforrias nem autonomias
perenes escravos destas ilhas
escrevem a história que poucos leem.

106

a nau sem escorbuto

ago 24, 2011

arribou nesta praia
sem mastro nem pendão
sem carga nem marinhagem
a nau sem escorbuto
cheia de novos senhores
não trazia especiarias das índias
nem arroz de malaca ou sião
nem lusitanos feitores

nesta açoriana plaga
longe de meca e mar eritreu
canal do suéz por sonhar
chegou a peste, nova chaga
há mouros e maometanos
das arábias e de malabar
muito tuga plebeu

ocupam lugares de proa
a barlavento das gentes
que aqui andam à toa
hordas de gentios já caducas
não foram a cipango e às malucas
cuidar do bom nome da coroa
nem a calecute ou ceilão
tratar da noz, cravo e canela
ou da pimenta e açafração

206

e como dizia camões
*de longe a ilha viram fresca e bela,
que vénus pelas ondas lha levava
(bem como o vento leva branca vela)
para onde a forte armada se enxergava*

chamam a esta terra sua
sua e de mais ninguém
saudosos de marajás e palácios
ofertam bugigangas aos nativos
promessas vãs eleitorais
como samorim a regem
sem estorvos sacerdotais

*eu aqui sentado nesta ameia
em castelo sem pendão
envio migalhas de letras
aos que não têm literário pão
crónicas avulsas de vidas vividas
pecados sem perdão
da seiteira lastimo a gleba
sem ânsia de libertação*

o povo sem saber da fome
do frio que aí vem
das vacas que se irão
do leite que não mungiram
dos campos que não araram
das colheitas que não semearam
mas a gente infeliz e livre vota
nos que prometem falsa solução

lá fora há guerras sem pátrias
mutilados e estropiados
cá só temos sem-abrigo
pakfanistas⁵⁶ e malfeitores
assaltantes, meliantes
económicos dissabores
da troica que tudo leva
e cobra dívidas que herdamos
de tantos ditos senhores

⁵⁶ pakfanistas é um termo macaense para os fumadores de ópio, aqui usado como sinónimo de drogados

não há santos que nos valham
nem procissões e andores
preces e velas acesas
romeiros de todas as dores
somos um povo triste e abúlico
sem sonhos nem destemores
vergados ao duro peso
de forasteiros sem alma
infames e vis especuladores

da história magnânima nem sombras,
não há bardos ou cantores
nem escribas dedicados
o povo sofrendo temores
erros grosseiros enganos ledos
sem naus nem caravelas
sem especiarias sem religião
nem língua franca nem outra paixão
cantando fados a tétis
sem espadas nem aduelas

o povo sofre já compungido
chora lágrimas de crocodilo
santa democracia e liberdade
escravo de novo acorrentado
à mingua de dízimos e outros enfados
sem contar os créditos mal parados

come demagogia e paga iliteracia
vê futebol, telenovelas e jornais desportivos
com as letras instruídas nas novas oportunidades
vende os anéis e come os dedos
emigra quando pode
queixa-se da sorte caipora
teme do governo as novidades
incapaz de suportar mais medos

a geração rasca passara a parva
timidamente se manifestara quanto à crise
a austeridade enriquecia bancos
à custa do suor da gente já suado
não descera às ruas este povo abusado
de brandos costumes se dizia
nem eram plebe nem gleba
antes novos-ricos da miséria

nenhum barco aportou
até um célebre quinze de agosto,
aniversário de Gonçalo Velho
na praia dos lobos,
em que os batéis vieram do mar
trazendo mouros infieis
os argelinos as mulheres arrebataram
eram moeda de troca as cativas
em mercado de escravos ou resgate

chorou lágrimas amargas
e orou à senhora dos anjos
acordou com centenas de marienses
a salvo na furna de sant'ana
escondidos dos saqueadores

viu um cortejo de piratas a cavalo e a pé,
rufando tambores e tocando cornetas
em debandada para o mar
voltou para a sua janela
sonhou com príncipes enfeitados

jovens cativados do seu olhar
ainda hoje se pode ver a sua sombra esguia
em noites de maresia
acenando um lenço branco
a quem queira desembarcar

só sai à rua em dia de procissão
vestida com véus e organzas
finas cambraias sem outras iguais
senhora dos anjos
redentora da ilha-mãe.

uma ilha pode ser de todos
independentemente de onde se habita

viver na ilha é quase um naufrágio
respirar sob as águas turvas
viajar através do corpo submerso
vir à tona turbulenta
para partir da ilha sem sair dela
levá-la para mundos outros
recriar a origem em qualquer destino
crenças, festas e procissões

uma ilha pode ser de todos
mas só alguns a possuem
menos a apresentam como passaporte
vergonha natural de regionalismos
canga feudal de séculos
atraso, incultura, insucesso

vencer na escrita fora da ilha
sotaques polidos, discursos alheados
bilhete de identidade estrangeirado
arrogância, ostracismo, sem açorianismo

uma ilha pode ser de todos
merecem-na quem a habita
os livros a quem os lê

deneguem anátemas de ilhanizados e açorianizados
albardem-se oportunistas da literatura
abrigados em rótulos autonomistas
enjeitem escritores renegados
tertúlias de Lisboa a Coimbra

promovam-se os que se não promovem
os que sentem o que escrevem
os que redigem esta alma única
este sabor a mar e tremores de terra
pedreiros do magma e lava

J. Chrys Chrystello

raiz original e comovida⁵⁷
com lágrimas de gente infeliz⁵⁸

em relação de bordo⁵⁹
de histórias ao entardecer⁶⁰
na ilha de nunca mais⁶¹

louvem-se e publiquem-se noviedições
de o lavrador de ilhas⁶²
marinheiro com residência⁶³
nas escadas do império⁶⁴

leia-se que fui ao mar buscar laranjas⁶⁵
ou fui ao pico e piquei-me⁶⁶
à boquinha da noite⁶⁷

estude-se a cor cíclame e os desertos⁶⁸
na distância deste tempo⁶⁹
plantador de palavras vendedor de lérias⁷⁰
os silos do silêncio⁷¹
em a ilha grande fechada⁷²
quando Deus Teve Medo De Ser Homem⁷³
e era o príncipe dos regressos⁷⁴
em a sombra de uma rosa⁷⁵
quando havia almas cativas⁷⁶
no contrabando original⁷⁷
estava o mar rubro⁷⁸

⁵⁷ Cristóvão de Aguiar

⁵⁸ João de Melo

⁵⁹ Cristóvão de Aguiar

⁶⁰ Fernando Aires

⁶¹ Fernando Aires

⁶² J. H. Santos Barros

⁶³ Urbano Bettencourt

⁶⁴ Vasco Pereira da Costa

⁶⁵ Pedro da Silveira

⁶⁶ Álamo Oliveira

⁶⁷ Dias de Melo

⁶⁸ Maria de Fátima Borges

⁶⁹ Marcolino Candeias

⁷⁰ Vasco Pereira da Costa

⁷¹ Eduíno de Jesus

⁷² Daniel de Sá

⁷³ Daniel de Sá

⁷⁴ Eduardo Bettencourt Pinto

⁷⁵ Eduardo Bettencourt Pinto

⁷⁶ Roberto de Mesquita

⁷⁷ J. Martins Garcia

⁷⁸ Dias de Melo

era desta açorianidade
desta literatura açórica
que vos queria falar
medram poetas nestas ilhas
contistas, ensaístas, romancistas
narradores, dramaturgos e sonhadores

deixai-me hastear a bandeira deste povo
e gritar o que lhe vai na alma

uma ilha pode ser de todos
independentemente de onde se habita
deixai que a chame minha

ninguém a quer
ninguém a sonha
como os que nela se querem
nela nascidos,
nela vividos,
nela transplantados
criando raízes que nenhum machado cortará
dando frutos e flores que só o poeta cantará
levando-a nos sonhos que só vate sonhará

uma ilha pode ser de todos
mas quero-a só para mim
pretendente único à sua razão
namorado, amante e noivo

mulher ardente para cortejar
mãe de todas as filhas
mar de todas as ilhas
amor de terra e mar

uma ilha pode ser de todos
sem temores do medo
na ilha de todos os medos.

deus sentou-se no rochedo do ilhéu de são lourenço
contemplou o presépio que acabara de construir
criou um porto e algumas grutas
parou em santa bárbara e pintou-a de azul
seguiu viagem pela baía do cura
ponta do cedro e do castelete
na maia criou cascatas e deixou um archote aceso
para que soubessem que o paraíso era aqui
aplainou terras férteis em santo espírito
alisou as areias na praia que ficou mui fermosa
subiu à malbusca e almagreira
plantou um jardim de éden nas fontinhas
e parou no pico alto a observar
as aves que voavam sobre o tagarete
virou-se para a direita e idealizou baías
do raposo, da cré, dos anjos e dos cabrestantes
deixando outro archote na ponta dos frades
em duas passadas foi ao ilhéu da vila
em frente às ribeiras ficou-se à espera
adormeceu profundamente

ainda hoje se espera o seu regresso.

olhei para o espelho dos dias
e vi-te partir
silente como chegaras
sem sorrisos nem lágrimas
vestias um luar sombrio
deixavas vazio o leito
num luto antecipado
agarrei as nuvens que passavam
levado na poeira cósmica
carpindo dores antigas
acordei sobressaltado
o livro da vida nas mãos
o livor nas faces
o fim há muito antecipado
ficar era o destino
sem levar as ilhas a reboque.
será esta a ilha sina?

pitt meadows kwanza açores,
ao eduardo (bettencourt pinto)

set 22, 2011

nasceste na savana com pés de basalto e lava
viveste na terra dos grandes desertos da áfrica meridional
mas o teu rio é kwanza que acaba aos pés de luanda
terra de surf na bela baía
teu nome é de magma ancestral
nasceste do fogo e da água
com raízes na ilha-mãe que buscas entender
teu nome não é pradaria em pitt meadows
mas belos trigais na british columbia
zona alagadiça de deltas e lagos
maple ridge e o rio pitt são teus parceiros
mas não esqueces o calor de áfrica
nem a humidade arquipelágica
divides a vida entre amores e pátrias distantes
fazes da escrita uma fotografia
já que não retratas a poesia
mas algo nos une que não as palavras
o mar imenso que nos separa.

a paz zen do eduardo
(bettencourt pinto),

out 16, 2011

113

não esqueço as tuas palavras
o tom suave das tuas falas
lavrador de verbos
com medo de ferir as terras
arando sentenças
como se fossem seres vivos

estás de bem contigo e com o mundo
pacifista de vocábulo fácil
nem na imagética és agressivo
entras a medo
como quem pede desculpa
e saís fotografando
sorrateiro para não incomodar o ar
que respiras sem sofreguidão

tens o sofrimento e a dor
em sulcos profundos na alma
reclusos da poesia
que ainda não escreveste
prisioneiros invisíveis
carregas a dor de muitos mundos
oculta em véus diáfanos

falas mansamente para não ofender
lentas palavras na construção do mundo
não acalentas raivas ocultas
dialogas com as tuas fotos
condescendes com os humanos
partilhas a felicidade
de estar e de ser
únicas certezas que transportas
mas também sorris
como a criança que não foste
como o adolescente que não pudeste ser
como o jovem adulto que te obrigaram a viver
convertes mágoas em alegrias
partos difíceis e resignados
alquimias de amarguras

J. Chrys Chrystello

das aves sabes o voo tangencial
das plantas o ciclo vital
das ondas que são o teu leito
avistas as estrelas que te alimentam
a poesia é questão de minorias
só os privilegiados leem
menos ainda a entendem
dizem que escrevê-la é fácil
mas difícil é o que fazes
vives a poesia no teu dia-a-dia

a ti, irmão da palavra
obrigado por acreditares
em ti, como em Gedeão
o sonho comanda a vida

já o disse antes
e repito aqui
para que o saibas

(ah! como eu gostava
de ser poeta
como tu

viver outras vidas
utopias).

hoje
decididamente
vou escrever um poema
dedicado aos feriados
que nos roubaram
decreto
que todos os dias
feriados sejam abolidos
os dias da semana
também
e para não esquecermos
tais dias e feriados
se comemorem todas as datas
ao domingo

e seja domingo todos os dias

(e se nos convertermos ao catolicismo
não poderemos trabalhar ao domingo).

em homenagem a Natália Correia
Poema destinado a haver domingo
...
*Deixem ao dia a cama de um domingo
Para deitar um lírio que lhe sobre
E a tarde cor-de-rosa de um flamingo
Seja o teto da casa que me cobre*

*Baste o que o tempo traz na sua anilha
Como uma rosa traz abril no seio
E que o mar dê o fruto duma ilha
Onde o Amor por fim tenha recreio*

*Natália Correia, Poesia Completa,
Publicações Dom Quixote 1999*

disseram basta falar de hortênsias
plantar a palavra mar e algum sal
uns lugares comuns de bruma
azáleas, camélias, novelões,
conceiras, milhafres e cagarros
e assim se faz um escritor açoriano

autores nasceram assim
nas ilhas e na estranja
ganharam prémios, foto no jornal
houve mesmo quem acreditasse
o governo pagava e promovia

desta janela de bruma
avisto o mar em desalinho
mas como não há hortênsias
nem açores a esvoaçar
nunca escreverei meu nome
na lava e magma a gravar

cantarei o arquipélago da escrita
sem títulos nem honrarias
sem adjetivos telúricos
sem versos de rima quebrada

não é açoriano quem quer
mas quem o sente.

116 |

ao urbano bettencourt

lagoa, abr 2, 2012

urbanamente vives
nas pinceladas das tuas palavras
a tua paleta pinta poesia
teus livros erguem-se impantes
como teu Pico natal
amores e desamores de ilhas
que unes em pontes de poesia
que sentes em dores
que pariste em árvores
sem sombras nem véus

nenhuma luz apagarás!

117 |

ao eduíno de jesus

lagoa, abr 2, 2012

as tuas palavras esguias
insinuam-se enleantes
preenchem os nichos do silêncio
em silos de poesia
buriladas em filigrana
sentes a ilha e a língua
nelas aprendi a geografia
e o amor inconquistado
sem silêncio nem silos

VOL. 1

1. crónica do quotidiano, mar. 4, 1970	14
2. palavra-breve, set. 29, 1971	16
3. este tempo é quadrado, out. 12, 1971	17
4. (insofridamente vives), out. 12, 1971.....	17
5. (fatum de árvores com sexo nos olhos), abr. 11, 1972	17
6. lisboa, jul. 31, 1968 - mai. 21, 1971	18
7. povo, jul. 26, 1970	19
8. (a farsa dos dias no calendário), nov. 2, 1971	19
9. (nos elétricos), mai. 12, 1971.....	19
10. onde se fala de guerra, mai. 7, 1971.....	20
11. (e tu, refugiada nos corredores do sonho), jan. 15, 1972	22

12. eu sou o rio, jan. 3, 1972	23
13. cross roads, out. 29, 1971	24
14. (a mulher de gaze voltou, gesto de bruma rasgando lembranças), mar. 7, 1972.....	24
15. como é triste sermos adultos, nov. 2, 1971	25
16. cristo (re)crucificado, dez. 22, 1971	26
17. a planta da cidade na parede em frente, nov. 28, 1971	28
18. dia de fiéis, nov. 2, 1971.....	29
19. um poeta-ministro das finanças, fev. 10, 1972	29
20. o poeta disfarçado de mágico, abr. 21, 1972.....	30
21. ode, abr. 24, 1972.....	31

VOL. 2

Capítulo I - Das peregrinações (aos locais sagrados e interditos da literatura) às madrugadas poéticas (com pretensões a santuários) 35	
22. para não dizerem que não falei de flores, fev. 16, 1970	36
23. a poesia é uma bola sempiterna, mai. 27, 1972	37
24. jogos de portuguerra (a erich maria remarque), abr. 1, 1972	39
25. o génio (a grotowski), set. 29 1971	41
26. (ao daniel filipe), abr. 30, 1973	43
Capítulo II - Das efabuladas eternidades	51
27. estórias da minha terra, jun. 12, 1972	52
28. alquybirismos, ago. 5, 1971	57
29. tantos os sonhos (a soeiro pereira gomes), mar. 16, 1973	59
30. para uma história parcial que fale de homens, fev. 16, 1970	62
Capítulo III - Das divindades, as três idades do homem (do sonho, da corrupção, da morte)	65
do sonho	
31. vem correr comigo (à bi rua), jun. 11, 1970	66
32. para uma canção triste de embalar (à bi rua), jun. 26, 1970	67
33. o calor das pedras, set. 16, 1971	68
da corrupção	
34. o homem corrupto, jan. 19, 1972	70
35. memórias de guerra. set. 24, 1971	71
da morte	
36. um homem morreu só, mai. 9, 1972	75
37. poema triste, set. 29, 1971	78

Capítulo IV - Das verdades heroicas, talvez inconfessadas	81
38. memórias mistas na ilha encantada das brumas [nos 57 anos do meu pai], nov. 23, 1972.....	82
39. herói à força, sem força, dez. 6, 1972	83
40. habitante de todos os calendários, jul. 26, 1972	84
41. bucólica (à helen mcneill), mar. 27, 1972.....	85
Capítulo V - Das dolorosas certezas narradas com temor.....	87
42. a mulher de metal (à maria teresa horta), abr. 27, 1972	88
43. missmundice, jun. 2, 1972	89
44. (à mi), dez. 18, 1971.....	90
45. olhos de silêncio, mar. 22, 1972.....	90
46. o futuro é hoje, ago. 10, 1972.....	91

VOL. 3&4

47. (dedicatória), mar. 31, 1975/1981..... 96

Capítulo I - Mulher 99

48. poesia revisitada (de nova a ti, daniel filipe), mai. 16, 1976..... 101

49. marialvas sem cartilha, dili, abr. 21, 1974 103

50. eros nos jardins de leste, dili, nov. 25, 1974..... 105

51. memórias, dili, abr. 13, 1975 106

52. (à angie), porto, nov. 8, 1975 108

53. cântico a mardej, porto, jan. 11, 1976 109

54. cortar amarras (à nô roquette),
s. martinho do porto, set. 5, 1976 110

55. este o roteiro (à evy), dili, nov. 18, 1974 112

Capítulo II - Ego..... 115

56. te (a ti próprio), s martinho do porto, set. 23, 1975..... 116

57. (carta a um homem só), porto, nov. 5, 1975 117

58. nascem os dias, dili, nov. 18, 1974..... 119

59. vontade é partir: projeto para uma utopia, fev. 3, 1976..... 120

60. bali, fev. 10, 1976 122

61. le poisson d'avril, abr. 1, 1976 132

62. dia de enganos, abr. 1, 1976 133

63 gostava de ser poeta, macau, dez. 17, 1977 135

64. a grande muralha da china, nov 1977 135

65. os grandes atos heroicos, dez. 18, 1977 136

Capítulo III -- Mundi	139
66. habito uma ilha, dili, abr. 4, 1974	140
67. prazeres sem orgasmo, dili, abr. 25, 1974	141
68. eurasiamente à vol de 747b	142
I. DA EUROPA AO ORIENTE-DO-MEIO, Telavive, set. 19, 1973	142
II. A TERRA DOS PERSAS, Teerão, set. 19, 1973	143
III. INDIANA UNIÃO, Nova Delhi, set. 19, 1973	143
IV. NO REINO DO SIÃO, Bangucoque, set. 20, 1973	144
69. para que não digam, set. 25, 1974	145
70. tai pan, macau, out. 15, 1977	146
71. tufão, macau, jun. 27, 1977	147
72. porque jovens, bali, dez. 3, 1974	147
73. poemato, díli, abr. 1974	149
74. post-scriptum (a andré breton), díli, jun. 16, 1974	150
75. ociosidade, porto, nov 6, 1975	151
76. colonos do mito, fev. 27, 1981	152
77. no imortal lenho, out. 12, 1976	153

VOL. 5

Capítulo I - Planeta Chrys	157
78. maria nobody, à maria mãe, madalena do pico, ago. 9, 2011	158
79. na varanda 1 (à mikinhas), estrela do atlântico, horta, ago. 12, 2011.....	159
80. na varanda 2 (à mikinhas), estrela do atlântico, horta, ago. 12, 2011	160
81. reinvenção do amor, revisitando daniel filipe, out. 18, 2011	162
82. pirata sem cara de mau (17 anos de casados) mar. 27, 2012.....	163
Capítulo II - Planeta Macau	165
83. ode ao ipm: a china e a lusofonia, macau, abr. 15, 2011	166
84. cultos não-ocultos e cristãos, lomba da maia, mai. 6, 2011	167
85. o buda, lomba da maia, mai. 5, 2011	169
86. leonor séc xxi, em verdura nem frescura na gruta de camões, lomba da maia, nov. 16, 2011.....	169
Capítulo III - Planeta Timor	171
87. cheguei a timor, dili, set. 20, 1973.....	172
88. bucólica bobonariana 1, bobonaro, nov. 23, 1973.....	177
89. o teto do mundo, dili, dez. 3, 1974	180
90. a lepra - bubónica bucólica bobonariana, bobonaro, nov. 23, 1973.....	181
91. eleições sem lições em timor, jul. 8, 2012	184
92. queria ser toké, jul. 11, 2012	185
93. alucinação na areia branca (timor), jul. 11, 2012	186
94. timor nas alturas, jul. 15, 2012	187
95. lágrimas por timor, até quando? jul. 16, 2012	188

Capítulo IV - Planeta Galiza	191
96. partir (à concha rousia e a uma galiza lusófona), lomba da maia, fev. 13, 2011.....	192
97. lendas da minha galiza, lombada da maia, dez. 11, 2011.....	193
98. concha é nome de guerra, lombada da maia, dez. 13, 2011.....	196
99. elegia à aglp, lombada da maia, dez. 16, 2011	197
100. genevieve, dez. 13, 2011	198
101. galiza como hiroshima mon amour, nov. 12, 2011	199
Capítulo V - Planeta Açores.....	201
102. ilharias (ao vasco p. da costa), saco grosso, floripa, sta catarina, brasil, abr. 7, 2010.....	202
103. tanto mar (ao vasco p. da costa), madalena do pico, ago. 9, 2011 ...	203
104. açores 1, out. 17, 2011	204
105. volitando, mai. 4, 2011.....	205
106. a nau sem escorbuto, ago. 24, 2011.....	206
107. lancha do pico, madalena do pico, ago. 9, 201	209
108. a ilha-mãe, ago. 29, 2011	211
109. a ilha de todos os medos, ribeira quente, povoação, ago. 31, 2011..	213
110. a criação do mundo, moinhos, set. 12, 2011.....	216
111. destino ilhéu, fev. 11, 2012	217
112. pitt meadows kwanza açores, ao eduardo (bettencourt pinto), set. 22, 2011.....	218
113. a paz zen do eduardo (bettencourt pinto), out. 16, 2011.....	219
114. homenagem a natália correia, nov. 29, 2011.....	221
115. açorianices, dez. 13, 2011.....	222
116. ao urbano bettencourt, lagoa, abr. 2, 2012	223
117. ao eduíno de jesus, lagoa, abr. 2, 2012.....	223

